



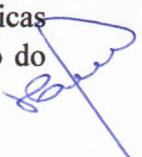
ESTADO DA PARAÍBA  
CÂMARA MUNICIPAL DE PATOS  
CASA JUVENAL LÚCIO DE SOUSA

ATA DA 4<sup>a</sup> AUDIÊNCIA PÚBLICA DO 6<sup>º</sup> PERÍODO DA 18<sup>a</sup> LEGISLATURA DA  
CÂMARA MUNICIPAL DE PATOS, ESTADO DA PARAÍBA, PARA DEBATER “AS  
POLÍTICAS PÚBLICAS PARA AS MULHERES, REALIZADA NO DIA 13 DE  
DEZEMBRO DE 2023.

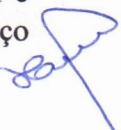
Aos treze dias do mês de dezembro do ano dois mil e vinte e três, com início às dezenove horas, em sua sede, localizada na Rua Horácio Nóbrega, nº 600, no Bairro Belo Horizonte, nesta cidade, reuniu-se a Câmara Municipal de Patos, sob a presidência da Vereadora Valtide Paulino Santos, secretariada pelo Vereador Josmá Oliveira da Nóbrega, 1º Secretário “Ad hoc”. Compareceram a esta Audiência Pública, os Vereadores e Vereadoras: Decilânio Cândido da Silva (SOLIDARIEDADE), José Gonçalves da Silva Filho (PT), Josmá Oliveira da Nóbrega (PATRIOTA) e Valtide Paulino Santos (União Brasil), em um total de 04 (quatro) Vereadores. Não se fizeram presentes nesta Audiência Pública os Vereadores: Cicera Bezerra Leite Batista (SOLIDARIEDADE), David Carneiro Maia (DC), Emanuel Rodrigues de Araújo (SOLIDARIEDADE), Fernando Rodrigues Batista (AVANTE), Francisco de Sales Mendes Junior (REPUBLICANOS/Líder do Governo), Jamerson Ferreira de Almeida Monteiro (PSC), João Carlos Patrian Junior (REDE), José Italo Gomes Cândido (REPUBLICANOS), Kleber Ramon da Silva Araújo (União Brasil), Marco César Sousa Siqueira (PSC), Maria de Fátima Medeiros de Maria Fernandes (REPBLICANOS) Nadigerlane Rodrigues de Carvalho Almeida Guedes (REPUBLICANOS) e Willami Alves de Lucena (PROS). Por solicitação da Senhora Presidente, os Vereadores José Gonçalves e Decilânio Cândido recepcionaram os seguintes convidados e convidadas: Samara Oliveira, Presidente do Conselho da Mulher; Maria Joseny, Presidente do Conselho da Pessoa Idosa; Maria do Carmo Soares (Carminha), Presidente do SINFEMP; Samyr Xavier, Presidente do Conselho da Criança e do Adolescente; Maria do Socorro Rodrigues, da União Brasileira de Mulheres; Pastora Joana D'arc, da ABENAL; Josemila, Secretária do Desenvolvimento Econômico; Tábata Alexandre, Secretária da Articulação Social; Doutora Sílvia Alencar, Delegada da Mulher. A Senhora Presidente declarou aberta a Sessão: “Havendo número regimental, invocando a proteção de DEUS e de Nossa Senhora da Guia, Padroeira de nossa cidade, em nome do povo patoense, declaro iniciados os nossos trabalhos.” Com a palavra, o Vereador 1º Secretário “Ad hoc”, após cumprimentar a todos, fez a leitura do dia: “ESTADO DA PARAÍBA. CÂMARA MUNICIPAL DE PATOS. CASA JUVENAL LÚCIO DE SOUSA. GABINETE DO VEREADOR ZÉ GONÇALVES. SOLICITO DA MESA DIRETORA DA CÂMARA MUNICIPAL DE PATOS, UMA AUDIÊNCIA PÚBLICA PARA DISCUTIR “AS MULHERES E AS POLÍTICAS PÚBLICAS NO MUNICÍPIO DE PATOS-PB. Na forma regimental e após ouvido o Plenário, requeiro à Mesa Diretora da Câmara Municipal de Patos uma Audiência Pública para discutir “As Mulheres e as Políticas Públicas no Município de Patos-PB”. Justificativa: As mulheres têm desempenhado um

A handwritten signature in blue ink, which appears to be "Zé Gonçalves", is placed at the bottom right of the document.

papel importantíssimo na nova sociedade. No entanto, em nosso município é preciso debatermos as políticas públicas destinadas a essas pessoas importantes para uma sociedade mais justa, uma vez que não percebemos uma ousadia necessária no cumprimento das leis de proteção das mulheres. Não percebemos sequer o apoio necessário e/ou incentivo imediato para que as mulheres de nosso município possam alçar novos destinos, vislumbrar novos horizontes sociais. SALA DAS SESSÕES DA CÂMARA MUNICIPAL DE PATOS, Casa Juvenal Lúcio de Sousa, em 14 de novembro de 2023. José Gonçalves da Silva Filho, Vereador/autor.” Atendendo convite da Senhora Presidente, fez uso da palavra o Vereador **José Gonçalves da Silva Filho**: “Boa noite a todas as companheiras e companheiros. Em nome da Presidente do Conselho Municipal da Mulher de Patos, a companheira Samara, saudar a todas as mulheres aqui presentes; em nome da Presidente Tide Eduardo, saudar a todos os vereadores aqui presentes nesta Audiência Pública. Saudar as mulheres que moram nos sem tetos, sem terras, que moram nas comunidades, em nome da nossa combativa companheira Mariazinha, do Conjunto Nova Conquista, da Associação de Moradores. Esta Audiência Pública tem como objetivo discutir e, ao mesmo tempo, focar nas demandas, nas reivindicações das mulheres aqui no nosso município, porque chega de discurso, chega de promessa, chega de algumas iniciativas, que a gente não observa a concretização das reivindicações e demandas das mulheres aqui do nosso município. Nós tivemos o anúncio aqui pra Patos da Casa da Mulher Brasileira, uma divulgação de mais de sete milhões, mas como é que estar realmente este projeto? Nós precisamos aqui em Patos de uma casa de apoio às mulheres que sofrem violência, que vai servir não apenas para mulheres de Patos, mas também da região. É uma vergonha pra uma cidade do porte de Patos está choramingando, praticamente uma humilhação pra ter uma patrulha Maria da Penha. Isso é uma vergonha, é uma vergonha pra essa Câmara de dezessete vereadores, é uma vergonha pra o Executivo, é uma vergonha, inclusive, pra quem está nos representando na Assembleia Legislativa do Estado da Paraíba, patrulha Maria da Penha não tem, e em municípios pequenos temos. A questão das creches em tempo integral, as mães já estão sofrendo, muitas não têm com quem deixar os seus filhos porque já cessou o funcionamento das creches. Nós precisamos de creche integral. A questão da moradia, nós estamos com o Conjunto Habitacional São Judas Tadeu I e II, oitocentos e cinquenta e seis apartamentos, e não foi ainda entregue às mulheres, parece que querem deixar para o próximo ano, porque é ano de eleição, e vem se arrastando. Então, nós precisamos discutir e pressionar os que se acham autoridades pra que a coisa aconteça, inclusive, eu me incluo. Eu não muito desse negócio de autoridade não, eu me incluo pra fazer essa luta. Quantas mulheres não gostaria de passar o Natal e o Ano Novo já no seu apartamento, que moram nos quartinhos, fundo de muro, casa dos pais, do sogro, da sogra, com as crianças, sem banheiro, as maiores dificuldades. Oitocentos e cinquenta e seis apartamentos fazem a diferença pra essas mulheres. A situação do presídio feminino tem que ser discutida, inclusive o Deputado Luiz Couto fez essa denúncia no Congresso Nacional; na última sessão falei sobre isso. Gente, construíram um presídio aqui baseado num presídio do Rio Grande do Sul, lá dá zero graus Celsius, aqui dá quarenta e seis, cinquenta; não tem energia. Já pensou aqui na Câmara, nós dezessete vereadores e vereadoras trabalhássemos no calor? Cortar a energia, bota só fora, ninguém aguentava. Mas eu disse na sessão anterior aqui: não tem nenhuma deputada, nenhuma vereadora, nenhuma senadora nesse presídio, nenhuma prefeita, e se tivesse teria que ter dignidade, mas não liga porque quem estão ali só as mulheres pobres, negras. O desemprego, o que existe de políticas públicas aqui em Patos? Você passa no comércio, as mulheres ganham a metade do salário do

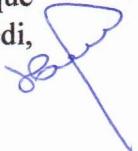


homem, não têm carteira assinada e não tem praticamente nenhum direito. Transporte coletivo, quer uma dificuldade maior, cidade com mais de cem mil habitantes não ter transporte coletivo. Aí diz: 'é só pegar um táxi, um uber, um mototáxi'. Aí você vai pega um mototáxi, vai gastar sete, dez reais, do Alto da Tobiba pra cá, eles cobram dez, vinte reais. E vinte reais é o pão durante a semana para os filhos. Você precisa visitar sua mãe, que mora na Vila Mariana, não tem como ir. Você quer ir à Cruz da Menina, pagar uma promessa, e não tem como ir se não tiver o dinheiro pra pagar um táxi ou mototáxi; e sábado domingo e feriado é difícil. Então é política pública tudo o que eu estou falando aqui. E quem sofre mais com isso não são os homens, são as mulheres. A violência sexual, o assédio sexual, a violência física, é permanente. Salário das mulheres inferior ao dos homens. Mulheres que moram na zona rural, que moram no Distrito de Santa Gertrudes, aí é que têm dificuldades. Comunidades sem ter água potável. Vai lá no Campo Comprido que você presencia as mulheres numa carroça com burro, buscando água no açude, porque não tem água. E sabe quantas pessoas moram no assentamento Campo Comprido? Mais de seiscentas pessoas, e as mulheres que estão lá que sofrem. O Patativa do Assaré, no Distrito de Santa Gertrude, é outro exemplo. A comunidade LGBTQIA+ também é outro fator de discriminação, de preconceito. As mulheres idosas, as moradoras de rua. Um dia eu ia passando ao lado do mercado, ia passando uma pessoa e disse: 'olhe aquele zumbi', com uma mulher moradora de rua. Agora aquela situação não é porque ela queira. 'Vive nessa vida porque quis escolher isso aí', não, ninguém escolhe está desempregado, ninguém escolhe está num local sem água, ninguém escolhe o que não presta. Luta pelo que presta, mas infelizmente não consegue. Então, essas moradoras de rua, as pessoas que vivem nas ruas, companheira Josa, tem que ser trabalhado; as políticas públicas não estão chegando nessas pessoas. E se tornou tudo normal pra gente, normal, às vezes tem mais sensibilidade com um gato, com um cachorro, do que com um ser humano. Eu defendo os dois. A saúde da mulher, parece que essa mamografia é um a coisa de outro mundo, aí você faz e não recebe. Por exemplo, você não tem aqui ginecologistas, para as mulheres você é médico geral, vestiu uma roupa branca atende a todos. Clínico geral quando é pra mulher pobre, quando é pra mulher rica não, tem as especialidades, 'pra pele é fulano', porque tem condições. E as políticas públicas do SUS não é pra todos? Então a saúde da mulher é um a coisa séria, e continuam brincando com a saúde da mulher. E um dado estatístico, uma a cada treze mulheres no Brasil sofre violência física e sexual. Eu estou trazendo essa discussão aqui pra justamente fazer esse debate, e esse debate tem que ser feito especialmente pelas mulheres, porque a luta pela emancipação das mulheres não é uma luta exclusiva das mulheres, mas uma luta de toda sociedade, tem que envolver todo mundo. É muita opressão contra as mulheres, é muita opressão, é a dupla jornada de trabalho que está se tornando normal; a mulher chega do trabalho e o marido está lá sentado na poltrona: 'já tá pronta a janta?'. E quando vai ao banheiro: 'ei, traga a minha toalha aí'. O menino chora, ele chama: 'olha o menino aqui'. Então, vejam bem, as condições são difíceis. Eu tive uma boa experiência nessa pandemia, de lavar pratos à noite, as muriçocas comendo. Eu lavando ali e pensando, esse trabalho doméstico invisível pra maioria da população, especialmente para os homens, mas é terrível, gente, a mulher é quem dorme por último e quem acorda primeiro, é ou, não é? Essa é a realidade. Então, esta Audiência Pública tem esse objetivo. Aqui eu estou falando da forma mais ampla possível, não estou nominando ninguém aqui, nós devemos cobrar do governo municipal, do governo estadual e do governo federal para que essas políticas públicas cheguem realmente ao povo, cheguem às mulheres. Nós estamos aí, Samyr e Secretária Milla, lá no Poço Comprido, com mais de cinquenta famílias morando no Poço

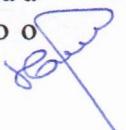


Comprido, onde funcionou o antigo Bar do Papelão, e tem uma parceria lá entre o governo federal, o DNOCS, governo municipal e estado, pra colocar água nas residências, inauguraram mesmo sem ter um pingo d'água, e o povo continua lá, desde dois mil e dezenove, cinco anos. E isso dificulta a vida da mulher que mora no campo. Então nós precisamos acima de tudo trabalhar isso. Encerrando aqui, a questão salarial, foi feita uma Audiência Pública aqui dos cuidadores sociais, e se falou em inclusão, mas enquanto as auxiliares de serviço efetivas do município têm direito a insalubridade, os cuidadores sociais não têm, que são contratados. Não são iguais? São mulheres que estão lá, independentemente que sejam efetivas, contratadas ou comissionadas, mas elas têm direito também a insalubridade, que é no mínimo vinte por cento. Salário igual não tem, um professor efetivo ganha cinco mil. o contratado ganha mil e oitocentos. É essa a situação, e nós queremos acima de tudo que essas pessoas sejam incluídas, esse é o nosso objetivo. Portanto, quero aqui, mais uma vez, agradecer a presença de todos os companheiros e companheiras, e dizer que o debate aqui será feito por vocês, eu apresentei aqui apenas os pontos que eu entendo que são mais prejudiciais as mulheres aqui em Patos. Muito obrigado.” Com a palavra, o Mestre de Cerimônia registrou as presenças da Senhora Alba, da Pastoral da Criança, de Dra. Bruna Simões, Advogada do CRAM; Rose Xavier, assistente social do CRAM, professor e psicólogo, Padre Paulo; e a Professora Patrícia Montenegro. Com a palavra, a **Sra. Samara Oliveira, Presidente do Conselho da Mulher** disse: “Boa noite a todas e a todos. Iniciando os meus cumprimentos pela Presidente da Casa, por nos receber. Nesse momento dou boa noite a todo Plenário através da minha companheira Josa. Quero agradecer a presença das minhas colegas do Curso de Direito, Nadja e Alice, e João que também veio comparecer, e minha querida filha que aqui está presente. Gosto muito de vim a esta Casa. Hoje à tarde eu falava pra Zé que Patos está à frente de muitas leis, Presidente, ainda essa semana saiu uma Lei Federal que Patos já tem desde fevereiro, ‘o Não é Não’, protocolo que é de Zé Gonçalves; e saiu uma outra, que foi de autoria de Jamerson, referente às consultas médicas com acompanhantes. A gente precisa criar aquela comissão, que toda vez eu cobro a senhora, vamos pensar nessa possibilidade. Eu trouxe escrito hoje, não é nem pela timidez, porque eu já estou conseguindo superar, mas pra não esquecer tudo o que eu preciso falar e aproveitar o momento. Hoje nos reunimos aqui com um tema crucial para o desenvolvimento da nossa cidade, as políticas públicas voltadas para as mulheres. Reconhecemos a necessidade de ações abrangentes que alcance todas as mulheres, independente de sua localização geográfica, condição socioeconômica ou origem. Nós precisamos atingir não só as mulheres da zona urbana, mas a da zona rural, que têm sido esquecidas em muitas ações. Eu gostaria de enfatizar e dizer a todas as mulheres e homens aqui presentes que nossas documentações continuam sumidas. E abordar políticas públicas sem mencionar a opressão que esse conselho tem recebido através da Secretaria de Políticas Públicas da Mulher e gestão municipal, eu não posso. É preciso fortalecer os conselhos de direito, nós não somos inimigos, não é isso Josa? Nós queremos cooperar. E aqui eu falo pelo Conselho da Mulher, pois representamos todas as mulheres do nosso município, não é aceitável que enfrentemos uma perseguição tão intensa. E queremos que o conselho seja apenas respeitado e sua história seja reconhecida. Eu expresso agora minha solidariedade a você Pastora Joana, que foi a primeira presidente desse Conselho, e a todas que estiveram antes de nós. Todas nós enfrentamos diariamente essa situação, não contamos com recurso nenhum, e parece que tentam minar nossa autonomia. Entretanto, é importante que saibam conselheiras e mulheres que representamos e que não nos calaremos nem nos intimidaremos, pois, como sabemos, os direitos nunca foram

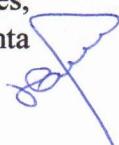
conquistados sem luta. Acreditamos firmemente que cargos não são eternos, mas nossa luta vai transcender as gerações, assim como outras lutas aconteceram com outros presidentes, outras lutas, estamos nós aqui com nossas lutas desde o ano de mil novecentos e noventa e nove, o Conselho já tem vinte e cinco anos na nossa cidade, e estamos há quase vinte e cinco anos depois lutando incansavelmente por respeito a esse colegiado. Eu me orgulho diariamente das ações e das posturas que nós adotamos todos os dias, o que nos conforta é saber que, embora, as ocupantes de cargos mudem, a nossa dedicação e empenho jamais mudará porque nós estamos na luta social há muitos anos. Ficou evidente de forma conjunta que a Secretaria de Mulheres nem postou sobre a Audiência Pública pra mulheres, e notamos a ausência também da representante da Secretaria de Mulheres aqui nesta Casa. Agradeço agora a presença das companheiras e colegas do CRAM, as quais têm sido parceiras junto ao Conselho, e toda equipe técnica que lá está. Vocês têm sido peças fundamentais de um mecanismo de controle e luta para as mulheres. Recentemente, o Governo Federal lançou editais, tanto para o município quanto para a sociedade civil, mas o conselho não pôde se candidatar a nenhum tipo de pedido desse edital, porque a gente não tem documentação, Milla, estamos sem nada. Mas, antes disso, nós notamos também que a sociedade civil organizada de movimentos sociais que nós temos na cidade não foi convocada pela secretaria, assim como fez a Secretaria de Cultura, que convocou todos os artistas locais e que puderam colocar seus editais e receber recursos; nós não obtivemos isso através da nossa secretaria. Essa falta de engajamento é preocupante e nos deixa questionando o comprometimento efetivo da atual gestão, infelizmente. Eu gostaria de destacar que estamos atualmente engajadas em diversas frentes, muitas vezes invisível à comunidade. Entre nossas solicitações, buscamos a transferência da delegacia do local que se encontra; ela não atende hoje a nossa comunidade, ela é longe, e muitas mulheres não têm acesso. A gente sabe que as mulheres da comunidade não têm acesso, e que a gente precisa Sílvia, trazer essa delegacia pra o centro de Patos, e com funcionamento vinte e quatro horas, que já é lei, que o Governo do Estado ainda não cumpriu. Nós solicitamos também Sílvia, a Juíza responsável pelas medidas protetivas, a questão do tempo, porque estavam caindo as medidas, e muitas vezes elas tinham que entrar com processo e prosseguir tudo de novo. E hoje a lei mudou e essa medida só deve cair perante um juiz. Então, nós solicitamos isso a Doutora Ana Hilário. Nós reforçamos a necessidade junto a Vara de execuções de nossa cidade, a criação do conselho da comunidade. Gostaria de informar também que o conselho conseguiu firmar uma parceria entre a UNIFIP e a delegacia, onde hoje tem estudantes e profissionais dentro da delegacia especializada pra que possam atender às mulheres. Nós também pedimos e pleiteamos que o Ministério Público atenda a solicitação do Presídio Feminino de Patos, como bem Zé falou aqui, sobre isso, é inadmissível que a gente saiba que existem mulheres que não têm direito a uma ventilação, a uma luz. a partir das seis horas da noite, ou um simples copo de água gelada, nesse calor que nós estamos. Isso fere totalmente a dignidade delas. Além disso, é preciso a gente criar um protocolo para mulheres vítimas de violência, estabelecer um caminho claro, que esses números não sejam mais subnotificados. Infelizmente na nossa cidade eu escuto muito que nós não temos número para trazer uma patrulha Maria da Penha, Zé, para trazer uma casa de apoio, porque Patos não tem número. Patos tem número! As mulheres não são atendidas. Esse fim de semana, no sábado, uma mulher entrou em contato comigo, foi à delegacia e a atendente disse a ela que voltasse para casa, que quando fosse agredida de novo, ela entraria em contato. Foi então que eu disse a ela que 'não', liguei para a delegacia, Sílvia, falei com a pessoa que mandou ela para casa e pedi,



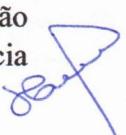
que não deveria, porque é uma obrigação do servidor público, que ela atendesse essa mulher, e assim foi feito. Após isso, tomei conhecimento também, através da delegada plantonista, que todo juiz plantonista tem negado todas as medidas protetivas, Zé, para as mulheres de Patos e região. Eu falo Patos porque a gente está tratando das de Patos. Então isso é um absurdo. Isso é um absurdo, esse trabalho não precisa ser feito só pelo conselho, esse trabalho precisa ser feito também por esta Casa, para se juntar. São coisas, Tide, que têm acontecido todos os dias. Ao abordarmos essa questão, é imperativo que nossas políticas ultrapassem as barreiras superficiais e se concentrem em soluções, indo além de estratégias de marketing e elitismo, porque é isso que a gente tem tido em Patos, e é inaceitável. Precisamos levar nossas propostas para os bairros, para a zona rural, para os acampamentos, associações, garantindo que nenhuma mulher seja deixada para trás. Entendemos que criar oportunidade e geração de renda é necessário também, Mila. Na última reunião que nós tivemos no Conselho, vamos tentar fazer uma padaria cooperada de mulheres vítimas de violência e vulneráveis. Vamos precisar do seu apoio enquanto secretária, e tenho certeza que teremos. A gente precisa transformar a realidade dessas mulheres. Iniciativas que promovam o empreendedorismo, de fato, não de curso. Curso é bom? É maravilhoso, mas é importante que a gente tenha uma campanha ou um trabalho efetivo com que essas mulheres possam, de fato, trabalhar após esse curso; ter uma política efetiva para isso. Sonhamos com a criação de um centro de atendimento exclusivo para as mulheres, Zé, bem falava você sobre o atendimento da saúde. Eu acredito que Patos já tem capacidade disso, nós somos maioria em números aqui na nossa cidade, e por que não sonhar? Hoje eu tive certeza de que o sonho vale a pena. Não podemos divulgar ainda, mas assim, algo que nós estamos pleiteando há um bom tempo, hoje eu tive certeza que lutar vale a pena. Nós não podemos ignorar os desafios existentes, recebemos relatos preocupantes de casos de violência todos os dias. Em conclusão, afirmamos o nosso compromisso em avançar na política pública que verdadeiramente atenda às necessidades das mulheres de Patos. Juntos podemos superar desafios e construir uma comunidade mais justa, igualitária e segura. Eu agradeço a atenção de todos e peço a colaboração de todos, não só da rede de proteção, mas de todas as mulheres e homens que aqui estão para que possam colaborar com a gente nessa luta. E peço especialmente aos vereadores que essa luta, eu sempre digo quando venho aqui, é importante que nossa luta saia da Casa, mas a gente precisa do apoio irrestrito de vocês. Eu agradeço a oportunidade.” Atendendo convite da Senhora Presidente, fez uso da palavra a **Senhora Joseny**, Presidente do Conselho da Pessoa Idosa: “Boa noite a toda e a todos. Quero saudar a Presidente desta Casa, a Presidente Tide, e nela todos os vereadores aqui presentes, o proponente desta audiência; quero saudar a amiga Mila, secretária; quero saudar aí no plenário as minhas companheiras da Pastoral da Pessoa Idosa e as mulheres cuidadoras que hoje concluíram o primeiro curso de cuidadora do município de Patos. Vou começar essa minha fala lembrando uma frase de uma mulher idosa, no leito de morte, que ela dizia a um padre: ‘Padre, entre uma dor e uma lágrima, um sorriso’. Essa frase eu escutei hoje do Padre Elias Ramalho, quando pregava na festa de Santa Luzia uma missa para as pessoas idosas. Minha alegria ao estar aqui nesta Casa, eu já digo que sou freguesa da Casa, sempre nas audiências Públicas a gente está aqui, e dentro desse meu espaço de fala, eu não poderia deixar de falar na bandeira que eu defendo, que é a bandeira das pessoas idosas. Como Pastoral da Pessoa Idosa, como participante, integrante do colegiado do Conselho Municipal de direito da pessoa idosa, essa tem sido a nossa luta. E eu trago aqui alguns dados relacionados à violência contra a pessoa idosa, mais especificamente relacionada à mulher idosa. E aí, Tide, eu faço o



mesmo apelo que Samara fez, naquela audiência que muitas de nós estávamos aqui, lembra, Doutora Sílvia? Que foi formada uma comissão, e essa comissão recebeu o nome de uma grande mulher que foi delegada: Tâmara Lanina, inesquecível mulher. Essa comissão tem a função de fazer as políticas públicas acontecerem juntamente com os Conselhos. E eu sei da sua sensibilidade como Presidente desta Casa, como vereadora, vamos botar essa comissão para frente para a gente né? Pra gente trabalhar melhor a questão das políticas públicas. Mas Zé Gonçalves fez um levantamento das necessidades que o município, estado e a nossa nação precisam para que realmente as políticas para as mulheres, as políticas públicas para as pessoas idosas aconteçam. Antes de vir para cá, eu participava lá no Ministério Público de uma audiência, com um Promotor, um grande parceiro, Doutor Eduardo, tratando da questão das ILPs, que nós chamamos assim na nossa linguagem, de abrigos. Nós temos dois abrigos na cidade de Patos, e temos uma pontuação agora com o município de Patos. E eu ficava me perguntando aquilo que muitas mulheres na base perguntavam: 'por que uma pontuação com o município de São Mamede, se aqui o número de idosos que passam por negligência, por situação de violência, por abandono, é muito maior?'. E aí o Promotor e as pessoas que estavam nessa audiência me deram a resposta: 'a questão da ILP São Mamede, toda estruturada, Padre Paulo, Patrícia, na dimensão que vocês como profissionais da gerontologia cobram, São Mamede é hoje referência. E Patos fez essa pontuação justamente porque foi numa Audiência Pública, promovida pelo Estado, que São Mamede conquistou essa luta. E aí o Governo do Estado fez esse trabalho conjunto, estruturou como deveria, mas faltam as pessoas, faltam outras estruturas, para que ela funcione, e aí Patos entrou nessa. E hoje nós saímos de lá com um bonito aceno de que Patos pode fazer a mesma coisa. Que tal a gente puxar isso naquelas audiências que o Governo do Estado propõe? Que tal, Tábata, nós levarmos para aquela audiência que o município propõe para que a gente tenha uma parceria com o Governo do Estado, com o Governo Federal, para que isso aconteça? Eu não poderia, Patrícia e Padre Paulo, que são os nossos colaboradores, deixar de dizer isso. E aí, Zé Gonçalves, eu acho que respondo uma pergunta que você sempre me fazia: 'por que não para Patos uma ILP modelo?'. Agora nós podemos lutar, e essa audiência daqui, hoje, pode ser o primeiro caminho. Eu gostaria somente, para concluir minha fala, dizer que o pessoal do CREAS e do CRAS, que são pessoas parceiras, são pessoas que estão conosco nessa parceria, Conselho Municipal da Pessoa Idosa, Pastoral da Pessoa Idosa, outros parceiros, como o Ministério Público, fizeram um levantamento da situação da violência contra a pessoa idosa, nós dissemos isso ontem, quando nós fazímos a roda de conversa sobre violência contra a pessoa idosa, e descobriram que Patos é campeã em violência contra a pessoa idosa. Vocês não queiram saber o número de pessoas idosas que sofrem violação de direitos, sofrem por negligência, sofrem por violência física, sofrem violência patrimonial, a questão do uso indevido dos cartões para empréstimos, pelos netos, pelos filhos, pelos sobrinhos. As pessoas idosas são muitas vezes quem sustentam a casa de uma família inteira. E aí o CRAS e CREAS fizeram um levantamento e descobriu um dado interessante: existe muita violência contra a pessoa idosa e, dentre elas, as que mais sofrem são as mulheres. As mulheres idosas são as que mais as maiores vítimas violência na cidade de Patos, no município de Patos. E aí a gente precisa mais do que nunca dessa rede de proteção, como dizia Samara, do pessoal do CRAM, do pessoal do CREAS, do pessoal do CRAS. Eu dizia isso a Doutor Eduardo: mais do que nunca nós precisamos da parceria do Ministério Público, do Conselho da Mulher, das outras secretarias, para que a gente possa minimizar, extinguir, um sonho. Então, pasmem vocês, as maiores vítimas de violência são as mulheres, e as que estão na faixa etária de oitenta

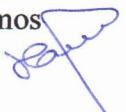


e cinco a oitenta e nove anos. Pasmem! Qual o maior tipo de violência? A violência psicológica, que a que mais tem causado desconforto nessas mulheres. A violência física deixa marcas no corpo, mas a violência psicológica deixa marcas na mente e no coração. E essas pessoas se sentem incapazes de reagir a isso. Então precisa dessa rede de proteção, não é Samyr? Você que tem sido um excelente parceiro, mesmo sendo conselheiro da criança e do adolescente, mas tem nos acompanhados nessa luta. Então eu peço aos vereadores desta Casa: vamos fortalecer as políticas públicas para as pessoas idosas; vamos fazer valer essa questão das ILPs, Mila; vamos fazer um trabalho conjunto. Patos é uma cidade que merece ter instituição de longa permanência, sim, para idosos, na estrutura que Padre Paulo e Patrícia falavam hoje para as cuidadoras que fizeram o curso. Meu muito obrigada.” A Vereadora Maria de Fátima justificou a sua ausência por motivo de saúde, e a Secretaria de Educação também não pode estar presente porque se encontra em um evento da educação. Atendendo convite da Senhora Presidente, fez uso da palavra a Senhora **Carminha Soares**, Presidente do SIMFEMP: “Boa noite a todos e a todas. Saudar a Mesa, em nome de Tide, e o Plenário, mais uma vez, em nome de Mariazinha. Eu gostaria só de complementar as falas das duas presidentes de conselhos, sobre a questão da mulher no município de Patos, e como não dizer no nosso estado e no nosso país? Fala-se muito da violência física, da violência psicológica, mas a maioria das mulheres sofre a violência patrimonial. Além de violência física, também tem a patrimonial. E o que nós buscamos aqui com essas políticas públicas para as mulheres? É só contra a violência? Não, nós queremos a mulher com dignidade, uma moradia digna. O que é uma moradia digna para essa mulher? É só ter a água na torneira? Não. É ter todo o equipamento que ela precisa, lá onde ela está morando, é ela ter a saúde, ter a creche para seus filhos, ter a educação para ela própria e também para os seus filhos, seus netos, irmãos, sobrinhos. Então o que nós queremos é uma política pública com dignidade. A moradia digna que nós falamos não é só o conjunto que está sendo feito lá, não, porque eu moro num conjunto que tem trinta e quatro anos, o Nova Conquista. Mariazinha está aí. E nós não temos como nos locomover porque não tem no município de Patos, como Zé falou antes, coletivos. Nós não temos uma política pública de transporte coletivo para as mulheres, que muitas vezes vão morar naquele conjunto, mas abandonam porque não têm como vir trabalhar, porque não tem transporte. Ela não tem como vir para o Centro porque não tem transporte. No domingo, lá na Nova Conquista, no Alto da Tubiba, depois das dez da manhã você não tem mais para aonde ir, porque não tem transporte. Tem os táxis, mas os táxis, que são da linha, não estão rodando no domingo. À noite, depois de seis da noite, você também não tem transporte. E quando nós tínhamos aqui no município o transporte público, os coletivos, eles vinham do Alto da Tubiba para a Cruz da Menina, e você vinha para o Hospital Regional, para o Hospital Infantil, com suas crianças, e com adulto também, sem precisar pagar táxi, porque nessas comunidades, minha gente, não tem emprego, o povo vive de bolsa família. E até quando nós vamos ficar vivendo de bolsa família sem ter emprego? Sem ter indústria? Sem ter nada em nossa cidade? Uma cidade com cem mil habitantes, que depende do comércio, dos servidores públicos municipais, federais, estaduais, e dos aposentados. Como uma cidade dessas pode se desenvolver se os nossos jovens não têm empregos? A política pública para mulher só é contra a violência? E se o filho dela não tem emprego, não tem educação digna, não tem moradia digna, como é que essa mulher vai ficar? Então temos que ver no total, tudo, no geral. O que gera a violência contra a mulher? Por que ela fica nessa dependência do homem? Porque geralmente aparece mais serviço para homem, braçal, pesado, e ela não tem como ir, e fica dependendo desse homem, e muitas das vezes sofrendo essa violência

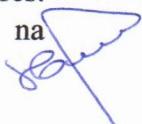


e sem ter como sair, porque aqui em nosso município, apesar de ter uma mídia pesada, dizendo que nossa cidade tem tudo, quem mora na periferia, que está aqui, sabe o que nós passamos. Sem emprego, sem uma educação digna, porque quando as crianças terminam o fundamental e precisam do ensino médio, muitas vezes não têm acesso às escolas que estão mais próximas porque tem que ter uma nota boa. Para ir para o SESI tem que ter transporte, quem mora no Nova Conquista, que pega uma bolsa, quer dizer, não tem. Então eu estou falando aqui da realidade do chão em que vivemos, não é só a violência física que nos aflige, mas também a patrimonial e a violência que nós sofremos quando o estado não faz o que a nossa Constituição diz: ‘saúde plena, educação de qualidade, direito ao emprego, direito ao lazer’. Nós não temos direito a nada disso. Simplesmente uma bolsa família, se você tiver uma família grande. Eu garanto a você que todo mundo queria uma família de cinco pessoas, de seis, de dez, que todo mundo lá estivesse lá empregado. Agora me diga: uma família com cinco ou seis pessoas, incluindo crianças, ganhando seiscentos, setecentos reais, depois que ela compra o bojão, paga água e luz, ela come o quê? Então temos que ver a violência em que nós estamos quando não temos sequer com que comprar um pão para dar aos filhos. E essa violência cai no colo da mãe, porque é ela quem está em casa, porque muitas das vezes o pai vai para São Paulo, vai vender rede, vai vender capa, que é disso que convive o povo aqui, quem não tem qualificação. E mesmo tendo qualificação, não tem vagas para todos, porque, apesar dessa cidade está na mídia, linda, sem faltar nada, nós que estamos na periferia sentimos o que está o que realmente está fazendo falta. E que esta Casa faça esse olhar, porque a gente vê a lindeza nas mídias, mas vá lá no Nova Conquista, que vizinho a creche tem um esgoto a céu aberto, que a gente morre de chamar para ir ajeitar, e ninguém vai. Então a nossa violência que queremos, não é só a violência doméstica do esposo, do pai contra a filha, porque o povo fala só do marido, mas muitas vezes a filha sofre violência do pai, do irmão, do primo; a violência física, a violência sexual, a violência patrimonial e a psicológica. Então, que nós mulheres tenhamos isso na cabeça: moradia digna não é só uma casa, mas também um transporte, um médico pra lhe atender, uma escola de qualidade e, principalmente, renda pra que a gente não fique dependendo de políticas públicas para pessoas que são chamadas na mídia de miseráveis, nós não queremos isso. Boa noite.” Atendendo convite da Senhora Presidente, ocupou a tribuna **Samir Xavier** para fazer uso da palavra: “Boa noite a todos, em nome da Presidente desta Casa Tide Eduardo, minhas colegas presidentes de conselhos, Josa, Samara também presidente de conselho da mulher, e como eu costumo sempre dizer minha eterna presidente do conselho da criança, com quem eu aprendi e aprendo todos os dias, Pastora Joana d’Arc, a quem eu tenho como um exemplo pra seguir no Conselho da criança e do adolescente, que tem algumas demandas e que a gente vai mencionar aqui nesta Casa hoje. Saudar também a secretária Mila, com quem também trabalhei, tive a honra de trabalhar, e a minha companheira de conselho Tábata Alexandre, que está também na luta. E enquanto eu estava aqui observando as falhas das minhas colegas, dessas grandes mulheres que me antecederam, falaram-me que eu teria que falar aqui na audiência, e eu meu Deus do céu, vou ter que falar depois dessas grandes mulheres. Mas vamos lá, vou tentar conduzir da melhor forma. Mas eu estava vendo aqui o choro de uma criança, e a gente só ver isso em audiências públicas com mulheres. Isso é a simbologia do que o vereador Zé Gonçalves trouxe anteriormente, a sobrecarga da mulher, a jornada dupla da mulher, que ao vim pra a Audiência Pública ela traz suas crianças, aqui tem várias crianças, muitas vezes porque até o companheiro não fica com a criança, por várias questões, ou pela criança também ser apegada com a mãe. E essa Audiência Pública é para vocês mulheres, enquanto

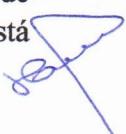
homens vamos falar um pouco sobre a política pública. Eu não consigo distinguir o Samyr conselheiro, Samyr ser humano ou o Samyr servidor, eu tenho uma opinião só em relação às mulheres, aos serviços públicos, a rede de proteção, ao Conselho da criança e do adolescente, a mulher ela precisa urgentemente ser protegida, a violência está aí, ela está na mulher, ela está na criança, ela está no adolescente. Mas como Carminha mencionou, também temos que promover as mulheres, não só falar da mulher como nas formas de violência como um ser humano frágil, nós estamos aqui por causa de mulheres, nós homens estamos aqui porque temos nossas mães, somos filhos de mulheres; essa é a razão também de nossa existência. Então vamos promover as ações com mulheres, o quanto forte é a mulher. Aqui temos uma presidente da Câmara Municipal mulher, temos secretárias de governo mulher, temos presidente de conselho, mulher, presidente de sindicato, mulher, veja a nossa representatividade, delegada da mulher. Veja o quanto seria o mundo mais belo se tudo fosse governado por mulher, acho que estariamos num mundo melhor, isso eu não tenho dúvidas. Em relação as políticas públicas voltadas para a mulher, também saudar aqui as cursistas de hoje, do curso de formação para cuidadoras de idosos; saudar a todas vocês que concluíram, e agora vocês entram no mercado de trabalho. Agora a busca pelo mercado de trabalho, que a gente pretende agora junto com as parcerias público privadas também inserir essas mulheres no mercado de trabalho, fruto de uma parceria de conselhos, Conselho da pessoa idosa e o Conselho da mulher, que deu certo, formamos hoje quinze mulheres, cuidadoras de idosos. Eu faço parte de dois Conselhos: da pessoa idosa e da criança e adolescente. E em tese, eu vejo que são pessoas que não dão voto. Se a gente proteger idoso, não dar voto, então, assim, são pessoas vulneráveis que precisam ser protegidas. Então, muitas vezes, no orçamento participativo, nós cobrávamos enquanto conselho. Eu sou gestão, mas também é papel da gestão cobrar, assim como Mila também cobra pra pasta dela, a secretaria de educação cobra ao Prefeito de todos nós cidadãos, devemos cobrar. Então cobrávamos também a nossa juventude, principalmente as mulheres. Muitas vezes eu recebo no WhatsApp das nossas jovens, que a gente sempre faz muitos eventos não é Pastora Joana, em relação as nossas jovens? E a gente se preocupa enquanto Conselho da criança e do adolescente: e essas jovens quando terminarem ensino médio, como é que a gente vai inserir elas no mercado de trabalho? Hoje a gente tem uma parceria com Renapsi, mas só está tendo vaga pra homem, sexo masculino. E a gente lá, com o cadastro de reserva pra mulher, a gente tem que firmar parcerias para engajar principalmente essas adolescentes no mercado de trabalho. É uma preocupação nossa enquanto conselho, é uma preocupação nossa também enquanto cidadão e enquanto servidor e cobrador de serviços públicos. Gostaria de parabenizar a propositura dessa temática, de políticas públicas para a mulher, porque eu acredito que estamos vivendo uma instabilidade nesse meio, porém acredito que não é uma instabilidade que irá demorar muito. Acho que a gente precisa de uma intervenção, a gente precisa de uma colaboração mútua. Aqui quero saudar também as colaboradoras aqui do CRAM, Centro de Referência de Atendimento à Mulher, Rose e Bruna, que estão aqui presentes. Então a gente tem que unificar forças: secretarias, gestões, conselhos e a sociedade. Estive acompanhando Zé Gonçalves, Josmá, uma pasta que sempre me preocupou, a pasta da juventude. Sempre me preocupou, eu nunca escondi isso de ninguém, falava até dentro do conselho, não era Tábata? Onde é que está a pasta da juventude? E agora a gente tem um novo secretário, vamos conversar com ele enquanto conselho, Pastora Joana, vamos conversar e vamos incluir servidores da Secretaria de Juventude no Conselho da criança e do adolescente. Vamos cobrar ações efetivas pra criança e adolescentes na pasta da Juventude, assim como nós fizemos, retiramos



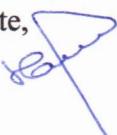
servidores do Planejamento e incluindo o da cultura e do esporte; vamos retirar as Finanças, vamos propor isso do Conselho, para incluir a pasta de Juventude. Por que Samyr, essa propositura perante o Conselho? Porque a gente quer secretarias atuantes, o povo de Patos precisa. Então eu desejo uma boa sorte ao novo secretário, uma boa sorte a sua equipe, mas tenha a certeza que o CMDCA vai bater lá, com um ofício e vamos pedir representação, porque nessa pauta de mulheres, além das pessoas idosas, eu friso também minha preocupação à juventude, ao atendimento de saúde a adolescente, que no postinho tem o atendimento da gestante, tem o atendimento do idoso, e eu não vejo atendimento da adolescente. Cobramos em dois orçamentos, como havia falado, centros de atendimento ao adolescente pra falar sobre métodos contraceptivos. Antigamente as escolas tinham medo de falar sobre métodos contraceptivos, hoje, fala-se um pouco na escola, e ainda assim tem um professor outro que não quer falar sobre isso. Mas nós, enquanto servidores públicos, enfermeiros, técnicos de enfermagens, professores, devemos falar sobre os métodos contraceptivos. Educando só por meio da educação é que a gente vai poder, com ações públicas efetivas, transformar a realidade da criança, como Patos é referência, do adolescente, como a gente vai cobrar, e também da pessoa idosa, no caso dos abrigos, como Josa aqui tão bem também aqui explanou. Então fico lisonjeado por estar aqui dividindo essa plenária com essas mulheres muito contributivas, uma boa noite a todos e fiquem todos com Deus.” Atendendo convite da Senhora Presidente, ocupou a tribuna a **Pastora Joana d'Arc** para fazer uso da palavra: “Boa noite a todos e a todas. Queria aqui saudar a Mesa na pessoa da Presidente Tide, uma mulher que tem feito um trabalho referencial nesta Câmara Municipal, e nós não podemos deixar de fazer esse registro. Na pessoa dela, cumprimentar toda a Mesa. E especialmente agradecer ao Vereador Zé Gonçalves, que abriu esse espaço pra que os movimentos pudesse estarem aqui, fazendo uso da tribuna pra expressar o que tem nos preocupado dentro do município de Patos quanto às políticas para as mulheres. Queria saudar também as nossas presidentes Samara e Josa, pelo trabalho excepcional. Eu já disse a Samara, eu tive a oportunidade de ser presidente do Conselho da mulher, mas nunca, em todos os anos que eu acompanho o Conselho da mulher, nós tínhamos tido uma presidente tão empenhada, forte. Eu fiz um trabalho, mas Samara dar de cem a zero em mim. E eu quero saudar, honrar pelo excelente trabalho que ela tem feito à frente do Conselho da mulher. E Josa também no Conselho da pessoa idosa, você é excelente, Carminha, na presidência do sindicato. Veja a representatividade de mulheres aqui. Temos aqui Mila, temos a nossa secretária da mulher, Tabata, todos aqui, quero parabenizar por cada um desempenharem os seus trabalhos. E no plenário, eu quero saudar duas pessoas que fizeram a diferença nesses últimos dias aqui na cidade, que foi Patrícia e Padre Paulo. Eu não pude estar presente no curso, mas feliz por ter contribuído, enviando pessoas, mulheres que agora estão sendo preparadas para o mercado de trabalho. Minha saudação a vocês pelo excelente trabalho que desempenharam, treinando essas mulheres. Primeiro ponto, eu vou tentar ser sucinta, eu não poderia deixar de pedir pra esta Casa ter registrado em seus anais o grave problema, do sumiço dos documentos do Conselho da Mulher, que estava na Secretaria Executiva de Políticas para as Mulheres. Como vocês sabem, eu fui secretária e, após a minha saída, quem assumiu foi Delma, e Delma fez um excelente trabalho de resgate, na verdade, do Conselho, pra que o Conselho pudesse voltar a fazer um trabalho efetivo. Francisca, na verdade, assumiu, e depois eu assumi o lugar dela. E nós tivemos lá Carminha, mandando suas representantes, lá nós temos as fichas, não era assim, Carminha, tudo guardado na Secretaria Executiva de Políticas para as Mulheres. Delma, tivemos Cláisse, nós tivemos Ronalda, funcionários que trabalhavam na



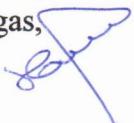
Secretaria Executiva de Política para as Mulheres. Eu manuseei os documentos como presidente do Conselho também, então não posso admitir que alguém diga quem eu estou mentindo, com outras palavras, é claro, mais rebuscadas, que eu estou mentindo, dizendo que ali não existe documentação do Conselho da mulher, senhor Vereador Josmá. Então é um absurdo o que aconteceu, é tanto que eu coloquei aqui da importância de o próprio município abrir uma sindicância administrativa para que se descubra o que aconteceu, porque não é possível os registros, a história, parte dela, ali documentada e simplesmente dizer: 'desapareceu', e ninguém ser responsabilizado por isso. É uma vergonha não haver uma responsabilização. E eu fico indignada porque as falas davam a entender que eu estava mentindo. É só conversar com as ex-secretárias, é só conversar com funcionários que estavam na pasta, e que eram colocados à disposição para registro das Atas. É algo muito simples pra identificar que a documentação estava, até determinado momento, e agora a documentação sumiu. Então eu queria pedir que nos anais desta Casa esse registro fosse feito, porque não é possível ficar impune uma situação dessas, o responsável pelo desaparecimento dos documentos. E eu garanto que o Conselho da Mulher não foi responsável pelo desaparecimento desses documentos, em nenhum momento. Então peço também o empenho dos senhores vereadores, contribuindo com o nosso conselho, porque o que nós sempre dizemos no Conselho, por onde passamos, nós não trabalhamos com política partidária, nós trabalhamos com política pública. Não há política partidária, não há outros interesses escusos dentro dos conselhos. E não só cito o Conselho da Mulher, Conselho da criança e do adolescente, Conselho da pessoa idosa. Convivam com os nossos conselhos, entendam que principalmente, Samyr, desculpe, você é governo e você faz um trabalho excepcional, mas eu quero dizer assim, que principalmente a sociedade civil dar o sangue para que as políticas públicas aconteçam dentro do município, nós não recebemos um centavo pra estarmos nos Conselhos, mas o que nos alegra é saber que alguma política pública foi efetivada, que uma luta nossa se tornou uma Lei municipal, está acontecendo uma nova política dentro do município que atenda às mulheres, atenda a criança e adolescente, a pessoa idosa de uma forma geral. Então a satisfação, eu digo como sociedade civil e pelo convívio com as nossas amigas da sociedade civil, e Samyr eu puxo também, que você é show, eu louvo a Deus pela a sua vida e pelo seu trabalho. Mas a gente tem que valorizar, a bíblia nos ensina a honrar quem merece honra, e Samyr é um referencial. Queridos, então pra nós ver uma política pública acontecer é extremamente satisfatório. E aqui eu quero lembrar que tempos atrás, ainda no governo de Bolsonaro, abriu a possibilidade da Casa da Mulher Brasileira, não foi assim? O ano passado, não lembro bem se era no começo do ano 2022, ou foi 2021, não lembro bem, o Conselho enviou ao deputado Hugo Mota o pedido para que Patos tivesse a Casa da Mulher Brasileira. E pasme os senhores vereadores, viu Senhora Presidente, o Conselho da Mulher não sabe nada sobre a Casa da Mulher Brasileira. A única coisa que, na verdade, nós tivemos conhecimento veio da parte do Excentíssimo Senhor Prefeito Municipal, que nos informou que será construída na parte de trás do Centro Administrativo. Mas o Conselho, que fez essa reivindicação, não sabia de nada; a única informação foi essa do gestor, em um momento de diálogo do conselho com o senhor Prefeito Municipal. É triste, porque nós não queremos assumir o lugar de ninguém, nós queremos políticas públicas efetivadas, de forma bem clara, que atendam as mulheres dentro do nosso município. E aqui eu queria lembrar que a luta, pelo centro de especialidades da mulher, é antiga, do Conselho. Carminha, acho que lembra, muito tempo nós estamos lutando, Samara abraçou. Então é importante que haja um centro de especialidades. Dificuldade de transporte, eu vou falar aqui, rapidamente, Tábata está



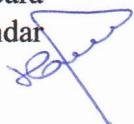
aqui, mas queria falar quanto à questão do governo do estado. Nós temos um adolescente, que ela tem problema de epilepsia, e ela estuda no CEPA, foi o laudo dela que permitiu que o ônibus pudesse lavá-la para o CEPA, vocês acreditam? Mas que os outros estudantes do CEPA, que moram na comunidade Sete Casas, que são do Rio Branco, não têm acesso ao ônibus escolar para transportá-los. E me adoeci isso. Como no sol escaldante da nossa cidade, nossos adolescentes da comunidade, da ONG, muitos dos nossos adolescentes, alguns estudam no Premen, que é mais próximo, mas os que estudam no Rio Branco, os que estudam no CEPA vão a pé porque não tem um laudo, justificando o uso, do que deveria ser um direito de todos, o transporte escolar, uma distância mínima que existe para que ele não utilize o transporte. Agora imagine sair das Sete Casas, num sol escaldante, pra o CEPA, pra o Rio Branco, é desumano. Eu não sabia disso, e quando eu perguntei pra um deles: mas por que vocês não usam o ônibus? Gabi tem um direito porque ela tem laudo. Eu disse: como é possível um negócio desses? Como é possível? Mas isso acontece em nosso município. Para fechar, a nas Sete Casas, nós temos lá o trabalho com a ONG, e a distância das Sete Casas, se pra o centro já é difícil, o deslocamento para a delegacia da mulher ou outro atendimento é extremamente difícil. Carminha falou em transporte público, que realmente nós não temos. Sousa tem, menor que Patos. Sousa tem, e eu já utilizei o transporte público em Sousa. Então, essa luta pela vinda da delegacia, o retorno pra o centro, é para que possibilite que todas as mulheres da cidade de Patos tenham um acesso mais fácil. Não é facilitado isso, e porque as transcendias são grandes e não há o transporte. Mas pelo menos no centro, todas as comunidades de alguma forma podem chegar quando precisar, especialmente de denúncias na nossa delegacia, como Samara lembrou, às vinte e quatro horas, a extrema necessidade desse tipo de funcionamento. Repito aqui, fechando a minha fala, a nossa luta, especialmente falando aqui de quem representa a sociedade civil, é por políticas públicas efetivas, políticas que alcancem as nossas mulheres, principalmente as mais vulneráveis das comunidades carentes, que precisam de tudo saúde, educação, segurança, para que, por exemplo, quando estiver um problema de saúde e chamar o SAMU, de noite, o SAMU não tenha que dizer que precisa antes chamar a polícia militar para acompanhar a ambulância do SAMU, porque tem que ir para a nossa, porque eu me sinto das Sete Casas. Eu amo as Sete Casas, são vinte e dois anos a Igreja do Nazareno trabalhando nas Sete Casas, e há treze anos temos a ONG. Então eu me sinto das Sete Casas, é a minha comunidade, eu amo as Sete Casas. E é preciso ter um olhar de mais respeito, de mais cuidado, de mais empatia. Assim como Carminha colocou da comunidade onde ela mora, eu coloco da comunidade onde nós trabalhamos. Nós sociedade civil lutamos por políticas públicas, não trabalhamos com partidarismo, mas queremos o melhor, que haja essa efetivação: emprego, renda, tudo isso, porque acontecendo nós nos realizamos. Não precisa dinheiro para nos realizar, mas precisa ver políticas públicas sendo efetivadas dentro do nosso município. Muito obrigada.” Atendendo convite da Senhora Presidente, ocupou a tribuna para fazer uso da palavra a Senhora **Josemila, Secretária do Desenvolvimento Econômico**: “Boa noite a todos e a todas. Queria ser como Samyr, e dizer apenas boa noite a todos, que foi assim que nós crescemos, foi assim que nós estudamos nos nossos livros de português. Quando falávamos todos, era todos mesmos, não precisava ser todos e todas, não é isso? Mas boa noite a todos e a todas. Gostaria de agradecer o convite desta Casa, em nome de Tide, a mulher que nós estamos aqui, então vamos elevar a mulher, apesar da propositura vir de Zé. Mas querem saber por que que Zé resolveu fazer esta audiência hoje? Eu falo Zé a verdade? Foi porque ele foi pra pia, lavar troço e descobriu como é difícil ser mulher. Então quero agradecer o convite,



realmente verdadeiro, viu Zé, é brincadeira, gente. Então todos vocês aqui, eu gostaria de saudar as demais mulheres, em nome da delegada Sílvia, e todos vocês que estão aqui, as mulheres que estão na plenária, gostaria que vocês me tivessem um pouco de atenção já que o bebê parou de chorar, Smyr. E é exatamente isso, nós temos três horários, de manhã, de tarde e noite, nós não paramos de ser mulher. Quem conquistou em mil novecentos e trinta e dois, vindo de Getúlio Vargas, o voto da mulher, esqueceu também de dizer que nós éramos iguais aos homens, e não, nós conquistamos lá fora, mas nós continuamos trabalhando dentro de casa. Para poder sair para trabalhar, nós precisamos deixar tudo organizado. E por mais que aqui exista muita gente que não acredita num futuro melhor em relação às políticas públicas efetivas, eu acredito. Eu acredito em vocês que lutam. Eu tiro o chapéu para vocês. Não vou tirar o chapéu, porque o chapéu geralmente é masculino, eu vou tirar o laço para vocês. Eu vou tirar o laço para vocês, está ali a pastora Joana, a presidente do Conselho da Mulher, Josa, que levanta uma bandeira pelos idosos, Carminha, que levanta uma bandeira pelos profissionais de educação, a Tábata, e a Delegada Sílvia. Então, olha quantas pessoas estão aqui, mulheres, e a Presidente, e vocês que estão aí. Então as políticas públicas voltadas para as mulheres, apesar da gente achar que ela ainda está longe de chegar ao seu cume, eu digo não, já está chegando, porque tem mulheres que lutam para chegar até ao topo, sabe por que, Zé? Porque as unidades habitacionais que estão para serem entregues, as oitocentas e cinquenta e seis unidades, elas estão para serem entregues a quem? As mulheres, porque é lei, coloca-se no nome da mulher. E por que coloca no nome da mulher? Porque simplesmente quando se desfazem os seus laços, eles vão embora e a mulher fica com os filhos. Antes não, antes era no nome do homem, a primeira coisa que ele fazia era vender a casa, dava uma parte para a mulher, casa que ele não poderia vender, não se sabe como é que uma lei, que é proibido vender, mas eles conseguem vender. Quantas pessoas não recebem uma unidade habitacional popular Décio, e repassa? Era o sonho da vida dele era ter uma unidade habitacional, Célio, e, de repente, ele vende, assim que ele ganha. Mas agora nós precisamos fazer um trabalho com essas mulheres, receberam a casa, irão passar dois anos sendo acompanhadas. Mas eu queria falar apenas em um ponto, que hoje eu estou na gestão, sou gestora da pasta de Desenvolvimento Econômico e Habitação, que não é fácil; em janeiro já não é mais habitação, é empreendedorismo, e é aí, Samara, onde nós imaginamos, como é que a mulher vai sair de casa depois de uma violência, para onde? Fazer o que, viver de quê? Eu quero parabenizar a ideia de vocês, de fazerem o curso para as cuidadoras de idosos, porque é no campo de trabalho de que nós precisamos deixar as mulheres independentes. Muitas mulheres sofrem porque elas não conseguem sair de casa, viver de quê? No outro dia, ela o deixa, que ela vai embora, vai embora para onde? Viver de quê? Então, nós precisamos despertar nas mulheres o sentimento de empreendedorismo, porque o campo de trabalho, novamente eu vou ser contra aqui, viu Josmá, mas o trabalho existe, o que não existe é a mão de obra qualificada. Quando você bate à porta que entrega seu currículo, você é dispensada. Eu estou falando da mulher, você é dispensada. E quando Zé fala que o salário é menor, nós já conseguimos muito avançar sobre isso, está aqui, eu tenho certeza que a Vereadora Tide tem o mesmo salário que o Zé Gonçalves. É maior, amém! Chegamos no canto aonde a mulher tem o salário maior que o do homem. Então, nós já avançamos, por que é que nós precisamos colocar uma venda, e dizer que o médico ganha mais que a médica, em um mesmo serviço? Não, ele ganha do mesmo jeito. Então nós precisamos encontrar e apontar as virtudes das políticas efetivas para as mulheres, nós não podemos nos fazer de vítima o tempo inteiro, nós não podemos nos vitimizar o tempo inteiro, nós precisamos arregaçar as mangas,



como vocês que estão aqui, arregaçaram e fizeram. Nós precisamos entender que a mulher precisa sim, do seu campo de trabalho, se qualifiquem, porque mão de obra qualificada está faltando no mercado. Hoje nós estamos com as artesãs, que sobrevivem muitas vezes do seu trabalho, das mãos que transformam, das mãos que fazem, mas elas sobrevivem. Elas tiveram coragem de ir à luta, muitas vezes fazendo outro tipo de atividade, mas nós precisamos entender, nós não precisamos ter uma venda e colocar nos nossos olhos, e acreditar que as políticas elas não existem. Estou falando de políticas públicas, porque elas não só estão pairando a área do trabalho, mas ele é necessário, ele nos liberta. O nosso salário nos liberta, o que nós ganhamos nos liberta. Eu estou falando nós mulheres. Esse avanço nós estamos desde antes, que nem votar nós não podíamos, e hoje nós votamos e podemos ser votadas. As minhas palavras, se eu fosse falar em saúde, em educação, no âmbito geral que todos aqui pontuaram, no transporte coletivo, na mamografia, como Zé pontuou, e outros, eu vou me ater ao campo de trabalho. E estão vocês de parabéns, quinze mulheres, que hoje estão pode ter certeza, num campo muito bom, porque hoje se precisa. Quando Josa diz que o idoso hoje sofre a violência, e muito, nós sabemos disso, muitas vezes dentro de casa e de gente que tem condições, que ao ir ao hospital, necessita de acompanhante, e aí é quando vocês vão ser procuradas. Eu espero que todas vocês, a partir de agora, com o certificado na mão, consigam um campo de trabalho de vocês. Parabéns, gente! Isso é muito bom. Eu gostaria somente de agradecer. Precisamos tirar as vendas. Eu gostaria de ter coragem de contar aqui a vocês que, no agosto lilás, as meninas que estão ali, do CRAN, no agosto lilás estava a Presidente e a nossa Delegada, e eu achando muito bonito mesmo, era uma mensagem que nós íamos dar, Zé, para todas as mulheres de Patos, acreditem, o meu direito tinha sido cerceado, quando eu cheguei para ser atendida como mulher, e me foi negado o direito. E sabe quando foi que eles me atenderam? Quando eu já estava no carro, quando alguém perguntou: 'Doutora, você ainda é secretária de Patos?'. Aí choveu de gente para me atender, e eu não disse que eu era, porque eu queria ser atendida porque eu era mulher, eu preciso ser atendida enquanto mulher. Eu não preciso dizer que sou secretária do município de Patos, seja lá o que for. Você vai me atender ou vai atender o meu cargo? Nós precisamos tomar posição de mulher. Eu quero ser atendida pelo que eu sou, pela mulher, independente de quem eu seja. Quer dizer que se eu não fosse ou não tivesse cargo, eu não seria atendida. E aí eu fiz a abertura muito bonita do agosto lilás, e comecei a pensar: as mulheres já sabem o que fazer, já sabem para onde ligar. Sabe quem nós precisamos transformar? São os homens. Nós precisamos nos transformar em relação a violência, aos homens, por que nós somos mais frágeis fisicamente? Nem sempre, mas nós precisamos entender que a mulher hoje está de igual para igual, mas ainda precisa fazer a mudança não no comportamento das mulheres, mas nós precisamos transformar o comportamento dos homens, nós precisamos fazer campanhas, Dra. Sílvia, para despertar no homem a forma de respeito da mulher, porque todos os dias, por mais campanha que tenha, você liga a TV, e no final de semana tem dois, três, feminicídios. Então, quem de nós precisa mudar? Nós precisamos mudar a mente masculina, e não a mente feminina. A mente feminina já está cheia de informações, já está cansada de ligar, como acho que alguém aqui falou, que liga, e como é final de semana, volta para casa para apanhar, que quando for segunda-feira a gente vê o tanto de peia que você levou, aí a gente resolve. Será que é assim? Nós precisamos realmente começar a mudar a consciência masculina, porque a da mulher a gente já sabe. Muito obrigada pela oportunidade. Estarei na luta com vocês, podem procurar a Secretaria de Desenvolvimento Econômico para panificadora, e nós precisamos libertar as mulheres e deixar com que elas possam andar

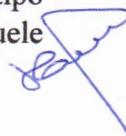


sozinha e felizes. Muito obrigada.” Atendendo convite da Senhora Presidente, fez uso da palavra **Dra. Sílvia Alencar**, Delegada de Polícia Civil: “Boa noite a todas. Eu gosto sempre de começar assim, para levantar a nossa bandeira. Saudando carinhosamente a Presidente Tide, por essa iniciativa aceitar a propositura dessa Audiência Pública, na pessoa de quem eu saúdo todas as mulheres aqui presentes. Nós estamos juntas nessa luta, eu vejo vários conhecidos, que são parceiros da Delegacia da Mulher há muito tempo. Eu já estou aqui, de volta a Patos há cinco anos. E saudando aqui também a todos os homens aqui presentes, porque assim como Mila disse, a nossa secretária, eu acredito piamente que as mulheres já estão sim, sendo trabalhadas a exaustão para conhecer os seus direitos e deveres, mas nós precisamos agora também trabalhar os homens. Então, saúdo a todos os homens aqui presentes e os parabenizo por estarem aqui conosco nesta luta. A Delegacia da Mulher de Patos é apenas uma das portas de entrada e de saída de solução de conflitos de violência doméstica, e o governo do Estado da Paraíba tem trazido várias possibilidades das mulheres se livrarem da violência. Hoje nós temos as medidas protetivas on-line, então as mulheres não precisam nem mesmo sair de suas casas para que possam pedir uma medida protetiva, e se livrar daquela situação de risco na violência.

E pasmem, eu estava ali agora, no meu celular, contabilizando quantas medidas protetivas nós na Delegacia da Mulher, fizemos do final de novembro até o dia de ontem, e nós vinte e um pedidos de medida protetiva à justiça. São quase dois meses, não é nem uma por dia. E dessas medidas protetivas, que eu me recorde assim, eu já assinei cerca de dez pedidos de desistência, das mais diversas origens, seja porque ela a mulher reatou o relacionamento, seja porque a mãe do companheiro, a mãe do agressor está fazendo alguma pressão para que ela solicite a revogação daquela medida protetiva, e outros fatores. Mas é o que aquilo que eu costumo dizer também, Patos ainda não tem estatisticamente os números que possam trazer para o nosso município alguns benefícios que outros já tem. São feitas estatísticas com os números que nós temos. Eu não posso esconder isso, porque os números são gerais através de um sistema virtual, utilizando em todo o Estado. Eu não faço medida protetiva de outra forma, tudo tem que ir para o sistema da Polícia Civil e o sistema do Judiciário, e a nossa contabilidade é feita em cima desses números. Patos, com mais de cem mil habitantes, nós temos atualmente duzentos e vinte cinco Inquéritos Policiais instaurados. Sousa tem setenta e oito, oitenta mil, e no meio do ano já tinha mais de cento e oitenta, por isso que, às vezes, Patos acaba perdendo alguns benefícios em razão desses números. Eu trago aqui algo que a gente vem sempre debatendo, não é Samara, a mudança do endereço da Delegacia da Mulher, isso esbarra em uma série de problemas. Um imóvel para que ele seja locado pelo Estado, ele precisa estar com toda sua documentação em dia. A última mudança que nós tivemos a proprietária passou nove meses, depois de entregar toda a documentação, esperando assinatura do contrato, com imóvel vazio e sem receber nenhum real. Nós estamos lá, há a quase três meses, e o estado não pintou um centímetro da parede, que já está descascando. Nós não temos mais faxineira, existia uma senhora, que recebia quatrocentos reais por mês, vindo de uma ajuda da Delegacia Seccional de Polícia Civil, e fazia limpeza uma vez por semana, ontem, depois de dois meses, nós nos reunimos cada um da equipe deu quinze reais, e conseguimos reunir cento e vinte reais para dar a ela para fazer uma limpeza de mais de dois meses. Apesar de nós termos limpinhos e conservarmos bem o ambiente, realmente estava sujo, tinha insetos, baratas, e são essas as condições. Existe uma problemática gigantesca com relação a estrutura e com relação aos recursos financeiros, que impedem a Delegacia de se mudar. Outro fator, existe proprietários aqui no município que se recusam alugar para o Estado, já foram vítimas de

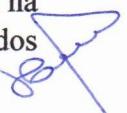


tantos problemas, trazidos através desses contratos de aluguel, que não querem de jeito nenhum. Vários imóveis foram procurados, e para uma Delegacia funcionar tem que se adaptar, precisamos no mínimo de cinco salas, precisamos de dois alojamentos, um feminino e um masculino, um cartório, uma recepção, o gabinete do Delegado, talvez uma sala, que seria ideal uma sala de atendimento de acolhimento a essa mulher, a partir do momento que ela chegasse à Delegacia. Então são vários cômodos, e ainda um xadrez feminino e masculino, porque existe sim, mulheres acusadas da prática de violência. Precisa ser um imóvel com tamanho razoável. Nós procuramos algumas casas no centro da cidade, e a maioria dos proprietários, quando a gente consegue adequar um aluguel que seja parecido com o que nós já temos na nossa sede atual, cerca de dois mil e quinhentos reais, três mil reais, os aluguéis para o centro da cidade estão em torno de sete mil reais, em casas que possamos nos comportar. Para o Estado é completamente inviável fazer essa mudança. Nós temos lutado, temos procurado, e o corretor de uma das casas nem mesmo nos atende mais, porque já desistiu de pedir algum tipo de resposta das proprietárias, e elas não têm nenhum interesse, da última que nós encontramos. Então são barreiras que nós temos sim, vivenciados no nosso dia a dia, para atender o pleito do conselho. Mas lembrando que medida protetiva pode ser feita em casa. A Polícia Militar deve ser acionada imediatamente em caso da prática de crime, para que vá até essa mulher e a conduza até a Delegacia, seja a Delegacia da Mulher, no Bairro da Maternidade, seja a Central de Polícia, que funciona vinte e quatro horas. Atendimentos serão diversos, umas pessoas serão atendidas de uma forma mais humanizada, outras talvez tenham algum problema, mas é algo que a Secretaria de Segurança vem tentando resolver. Tivemos a nomeação de vários servidores para nossa região, eu, depois de cinco anos trabalhando na Delegacia da Mulher, recebi uma escrivã, Presidente. Hoje eu não faço mais aquilo que eu fazia no meu dia a dia, que até mesmo tombar os procedimentos, que era colocar no livro, escrever todos os dados do procedimento, fazer intimações, que são atos muitos simples, eu era que tinha que fazer. Fazia com orgulho, fazia com gosto, é o meu trabalho, mas depois de cinco anos uma Delegacia Especializada receber uma escrivã, eu acho que eu pedi tanto a Deus, que ela veio perfeita, ela se adaptou ao serviço em menos de um mês, e hoje ela é meus dois braços naquela Delegacia, graças a Deus. Então são vários problemas que nós esbarramos. Nós temos aqui duas representantes do CRAM, que voluntariamente, a cada semana, uma vai às segundas-feiras, porque em tese, nós temos como um dia de maior movimento, porque alguns conflitos que acontecem no final de semana, se não forem resolvidos, geralmente as mulheres procuram a Delegacia na segunda-feira. E elas estão aqui de prova, que às vezes ficam sem receber nenhuma mulher na Delegacia. Temos também uma equipe da Faculdade de Veterinária, por quê? Os professores de veterinária aqui, eu acredito que seja UFCG, se não me falha a memória, eles têm um estudo para tentar provar que alguns agressores costumam maltratar os animais de estimação da vítima para tentar atingi-la. Eles vêm observando isso nas entrevistas que eles fazem. Então nossa Delegacia é uma Delegacia que ainda não está totalmente equipada, porque seria preciso uma equipe multidisciplinar no acolhimento primário a essa vítima, com: psicóloga, assistente social, uma advogada, para que depois ela passasse para o procedimento em si, procedimento policial. Nós ainda não temos isso, mas temos aos poucos, estamos engatinhando em tentar trazer cada vez mais um atendimento humanizado a essa vítima. O combate à violência doméstica, tendo a Delegacia como uma das portas de entrada, precisa ser urgentemente pensado na primeira infância, na educação daquela menina que vai crescer, e se ela for exposta a algum tipo de violência, ela pode repetir aquele conceito na vida dela como algo aceitável; e daquele

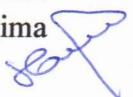


menino que hoje cresce, e se ele presencia uma cena de violência doméstica, ele também pode levar para vida algo como normal. Então, educando, a gente vai educar Samyr, aqui, o jovem que ele saiba seus direitos, saiba seus deveres, os seus limites. Educando também as famílias, Josa, para que respeitem seus idosos. Quantas e quantas denúncias nós recebemos através do Disque 100, Disque 180, Disque 123. Nossa trabalho é averiguar, nós averiguamos através da oitiva da vítima, e muitas vezes as pessoas idosas, pela dependência que têm daquela situação, daquela pessoa que, às vezes, é o único cuidador dela, elas não aceitam dizer que estão sendo vítimas, elas dizem que o filho é bom, que a filha é boa, que a cuidadora é boa. Para fins processuais, nós não conseguimos a prova para fazer um processo, a vítima idosa é a primeira a dizer: 'não, meu filho é bom para mim'. Então não há o processo, porque eu não posso fazer algo contra a vontade dela. Educando também as pessoas de um modo geral para que entendam a complexidade da violência doméstica, e que possam nos ajudar a combater, evitando, prevenindo ou então cuidando dela num momento futuro. E Samara disse aqui também, as medidas protetivas que foram requeridas, no sábado, pela Delegada que estava no plantão, foram todas negadas por um juiz de Água Branca, que não é nem nosso juiz aqui da Comarca, ele estava de plantão, ele negou simplesmente porque as mulheres não quiseram a instauração do processo. Não existe isso, é totalmente errado, mas foge ao nosso poder de ação. A mulher chega à Delegacia, se ela não foi vítima de lesão corporal, ela pode optar, ela pode dizer se quer ou não a instauração de um processo, e se ela não quiser, nós temos que respeitar, não podemos fazer à força. E o juiz entendeu que não, a medida protetiva só valia com um processo atrelado a ela. Um absurdo. Inclusive, eu repassei isso aqui ao nosso Promotor, Dr. Ernane, ele também não concorda, mas é algo esporádico, e que a mulher pode representar depois, por outra medida protetiva, solicitar; não há impedimento, ela pode solicitar mil medidas protetivas se ela precisar. Nós esbarramos em muitos problemas, mas a gente precisa divulgar isso. Aconteceu um crime, a apuração desse crime pede urgência, não dá pra ficar para depois, para amanhã ir para a Delegacia. Polícia Civil e Militar, por suas limitações, trabalham vinte e quatro horas, não há que se falar: 'Eu vou deixar pra segunda-feira para ir na Delegacia', tem que chamar a Polícia Militar na hora. Ali nós vamos colher as provas, vamos ouvir as pessoas necessárias e o processo vai ser feito da melhor maneira possível. Existe as medidas protetivas online." **A senhora Carminha Soares** fez uma pergunta à Delegada: "No caso da medida protetiva online também depende de um juiz para dar?" A Delegada Sílvia respondeu: "Todas elas". Carminha Soares disse: "A dificuldade dessas mulheres, muitas não têm como fazer, não tem habilidade para isso. A maioria das mulheres que estão nessas condições, muitas das vezes elas não sabem, aliás não têm nem internet no seu celular, só tem o chip para ligar e pronto, não tem como ela fazer uma medida protetiva on-line. Faz uma protetiva online quem tem capacidade, quem está instruído. Por isso que eu digo, a gente tem que ver essa questão do simplismo. É simples, 'pode fazer online', mas nem todas podem e têm acesso. Nós estamos falando aqui de mulheres de periferia, de mulheres, como eu falei aqui, não têm um transporte. No final de semana, se ela quiser vir para a Delegacia, ela vai ter que vir a pé. Então se ela pudesse fazer em casa, ela não ia sair. Muitas das vezes o agressor não deixa nem ela pegar no celular, confisca." A Delegada Sílvia deu continuidade à sua fala: "Como eu disse, é porque foi uma das tentativas adotadas pelo governo do estado para tentar facilitar. Nós temos aqui 223 municípios no nosso Estado, e apenas quinze delegacias da mulher. E toda mulher que mora em qualquer cidade pode procurar a polícia civil e militar para se livrar da violência. O mais difícil, pode não ter celular, pode não saber o que fazer, é transpor essa barreira

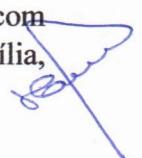
entre o fato, a aceitação como vítima, a consciência que existem métodos de combate, e ir à delegacia e procurar esses meios. Nós estamos em uma luta aqui incessante para tentar combater a violência doméstica, mas precisamos sim, como a secretária Mila falou, trabalhar também os homens. Vejam quantas campanhas nos temos no ano, começamos em fevereiro, no carnaval: 'o não é não, e meu corpo não é sua folia', depois nós vamos para março, que tem o dia internacional da mulher, que a gente fala da mulher com algo festivo, mas é um dia também marcado por muita dor; depois a gente passa para agosto, um mês inteiro dedicado ao combate de violência doméstica, trabalhando as mulheres; em outubro, pega-se a deixa do câncer de mama e também se trabalha a mulher, porque a gente sabe que muitas não podem nem ir ao médico porque o companheiro não deixa. Quando a gente chega em novembro, nós temos dezesseis dias de ativismo, para chamar os homens para nos ajudar nesse combate. É muito pouco, nós temos aqui uma plateia de maioria feminina, aonde estão os homens, os causados de 99,99% dos casos de violência? Quantas mulheres aqui já viram um homem chegando no trabalho com um olho roxo? A gente não ver, mas ver uma amiga chegando no trabalho, na escola do nosso filho, com uma mancha roxa, ela tenta disfarçar que aquilo ali foi um acidente, mas pode ter sido uma violência. Já fizemos um levantamento com o Fórum e o Ministério Público, não há nenhuma mulher processada na cidade de Patos por abuso sexual de criança e adolescentes, por estupro, são crimes predominantemente masculino. Então, nós temos que ir por essa linha de raciocínio também, de começar a trabalhar o homem. Temos a sorte de termos uma delegacia especializada da mulher, a sorte de termos um Conselho Municipal dos Direitos da Mulher, um CRAM, que é raríssimo nos municípios da Paraíba. Estamos muito à frente de outras cidades sim, mas em Teixeira, nossos colegas policiais dizem o tanto de violência doméstica que tem, e não chega nem aos pés de Patos, e lá não tem nada disso. Então, assim, ainda há muito a se fazer. Nós estamos tentando sim, a barca todas as frentes de batalha, mas ainda é muito pouco o que é feito, tanto pela delegacia, eu admito, porque somos muitos poucos em relação à demanda, também trabalhamos em outras cidades, somos obrigados a trabalhar em outras cidades, somos obrigados a trabalhar em plantão extraordinários. Ontem à noite eu estava de plantão. Mas é algo que o governo vem tentando resolver, que nossa coordenação vem tentando resolver, e a delegacia só não está abrindo a noite, porque não existe numerário para pagar as horas extras dos policiais que ficarem lá. Patos perdeu duas mil horas extras com a nova gestão. Nossa delegado seccional conseguiu seiscentas ou novecentas só para abrir a delegacia de mulher de Patos, no final de semana, com dois agentes, um escrivão e um delegado, serão necessárias mais de novecentas horas. Então, assim, é algo que foge do nosso poder, da nossa perspectiva de ação. Então, eu conto aqui com esta Casa para que que os nossos representantes, da mesma forma que eu fiz esse pedido lá no Fórum a doutora Joscleide, a doutora Isabela, a doutor Leidemar, Promotor, para que oficie a Secretaria de Segurança, oficie a Delegacia Geral, e solicite essa abertura, com a cessão de horas extras para que possa pagar os policiais. Não há nenhum óbice na abertura da delegacia ao final de semana, à noite, mas os servidores precisam ser pagos. Já há um concessão que eles terão que dormir dentro dos gabinetes, porque não há alojamento na sede atual, mas todos estão dispostos a colaborar, até porque somos mais servidores hoje, diminuiu o número de horas extras, e todos nós perdemos em nossas remunerações. Então, senhoras e senhores, estamos aqui a disposição, participando com muita alegria, com muita satisfação dessa audiência, trazendo essas informações aos senhores, e solicitando a ajuda de todos. A delegacia precisa sim, da colaboração dos senhores na divulgação dos nossos serviços, na implementação deles também. Muito obrigada a todos



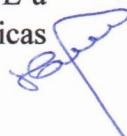
pela atenção.” A Senhora Samara disse: “Só para completar a fala de doutora Sílvia, eu não gostaria que a plateia saísse, é sempre bom a gente trazer primeiro sobre a questão das campanhas, que são importantes, mas são necessárias realmente, Sílvia, que se faça todos os dias, como a educação tem feito nas escolas, como já começou, e é importante está sendo trabalhado. Mas devesse realmente trabalhar não só em campanhas comemorativas, a gente não pode tirar as campanhas, de um direito para derrubar outro. Outro fato é sobre a delegacia vim para o centro da cidade, nós já indicamos um prédio, as donas querem alugar, o corretor estar atrás, mas a gente encontra empecilho na DEAN, em João Pessoa. Eu acredito que doutora Sílvia aqui não. A juíza da Vara de execuções já disponibilizou recursos para fazer toda a reforma que for necessária, a antiga casa de doutor Rivaldo, que nós só estamos aguardando a documentação.” Doutora Sílvia – Elas não querem mais não, elas já desistiram. Não têm interesse, não. É como eu digo, o Estado não faz o reajuste do aluguel, o Estado não faz nenhuma manutenção no imóvel, então é um imóvel muito grande, que elas vão realmente ter que dispor por um período indeterminado, porque o contrato é realmente extenso, e que elas não têm nenhum benefício, vão acabar perdendo.” A Senhora Samara disse: “Elas disseram que queriam, que não é na polícia civil o problema. E que é realmente importante que a gente não saia sem saber dos direitos e do que realmente acontece na nossa cidade. Parabenizar Sílvia pelo trabalho. E dizer Sílvia, que é muito importante que você se agregue a essa luta, de trazer essa delegacia para o centro, porque ela não está atentando hoje às mulheres. E mais que isso, o sinal de uma mulher num sábado procurar uma delegacia, e ser mandada para casa, isso é acontece todos os dias, porque são relatos e denúncias que o Conselho recebe todos os dias. Então é importante que a gente, que esta Casa, Presidente Tide, não largue as mãos das mulheres. E eu peço Josmá, Décio, Zé Gonçalves, Tide, os vereadores, representantes aqui da nossa cidade, que não larguem a mão das mulheres. É importante a gente resolver esse problema em Patos, porque número nós temos. Eu não acredito nessa situação de que Patos não tem número, Patos tem números. O problema de Patos são as subnotificações e o não atendimento, porque essa mulher que foi mandada embora, e sua medida protetiva foi indeferida, ela não voltou à delegacia, e não vai voltar. E ela é só um número de tantos outros que a gente tem em Patos. Era só isso.” A Delegada Sílvia ainda disse: “E eu gostaria também de solicitar, se houver algum representante aqui dos órgãos de saúde do nosso município, nós não recebemos nenhuma notificação, por mais que seja obrigatória, e sob pena de multa, nós não recebemos nenhuma notificação de mulheres que chegam lecionadas ao hospital, à maternidade, de crianças que chegam lesionadas. Então isso é importantíssimo, estamos perdendo a possibilidade de efetuar prisão em flagrante dos agressores, porque, somente depois de três ou quatro dias, recebemos algum ofício comunicando isso. Lembrando, os órgãos de saúde são obrigados, compulsoriamente, a notificar quando uma mulher chega violentada, lesionada, e ela diz que foi agredida por um companheiro ou familiar; uma criança que chega, estuprada, no hospital infantil. Isso é muito importante, e nós não recebemos nenhuma, ok. Muito obrigado então a todos. Boa noite.” Atendendo convite da Senhora Presidente, Tabatá Alexandre, Secretaria de Articulação Social, fez uso da palavra: “Boa noite a todos. Saúdo a Presidente Tide, presidente desta Casa, e através dela saúdo a todos os presentes. Quero agradecer principalmente aos que estão aqui, apesar do adiantar da hora, a todas as meninas, a todos os meninos, que é um momento muito importante. Parabenizar esta Casa por essa audiência, que simplesmente está fazendo o certo. Não há nada extraordinário, não há nada incomum, não há nada atípico aqui, apenas o certo, que é ouvir, que é escutar. E isso é o respeito às mulheres. Agradeço a oportunidade. Reservei justamente a última



fala já para ir exatamente na atuação do orçamento participativo da Secretaria de Articulação Social, que é esse o papel, que é escutar a população patoense, e, principalmente, nós mulheres, nós que estamos aqui auxiliando à Câmara, nós estamos na plateia, nós que estamos como a presidente, que todas essas mulheres fortes, sabias e éticas, assim como Pastora Joana, assim como Samara, Carminha, Josa, Marinalva, Tide, Mila, Sílvia, todas se multipliquem, porque é isso que nós precisamos na sociedade patoense. E deixo outro recado, que quando vocês participam do orçamento participativo, aquele linkzinho que a gente divulga no Instagram, divulga no WhatsApp, os formulários que deixamos em escola, posto de saúde, a nossa audiência, tudo isso é ouvido, tudo isso é anotado, tudo isso é encaminhado à gestão. E o que é mais interessante, a mulher, quando ela preenche o formulário, quando ela se porta, quando ela pedi, quando ela reclama, quando ela sugere, quando solta deboche, piada, tudo isso vem no nosso orçamento participativo, mais isso, principalmente é a coletividade. Quando nós reclamamos da lixeira que falta, a gente não reclama porque: 'eu não tenho aonde jogar o lixo da minha casa'. Não, elas reclamam, nós reclamamos de forma coletiva, e isso é muito interessante. Não, o meu bairro precisa disso, a escola do meu filho precisa disso. Quando ela fala também da questão da comunidade LGBTQIA+, mesmo que ela não se encaixe nessas siglas, mas ela fala sim do seu coleguinha, que muitas vezes que não é escutado na escola, que muitas vezes não sabe por onde começar esse assunto em casa, e ela pede. Já veio até isso na questão do orçamento participativo, dessas pessoas que não sabem por onde começar, como se afirmar, como exercer cidadania. Quando a mulher pede escola, e foi realmente um assunto que a gente tem que falar, que o Vereador Zé Gonçalves até já citou, a questão da escola integral, são três anos de orçamento participativo, e no primeiro ano nós vivemos ásperos tempos, a pandemia foi muito difícil, foi um momento de sobrevivência, e, principalmente, de aprendizado para nós que restamos aqui. Na pandemia, as mães, falo em nome das mulheres, que é o tema desta audiência de hoje, pediam vagas nas escolas, pediam muito isso, porque muitos vinham da rede privada, não havia mais como eu pagar a escola do meu filho, outros casos também, eu não vou pagar se ele não vai frequentar; realmente foi um período muito difícil, e os principais pedidos foram esses: vagas nas escolas, e suporte estrutural principalmente, nas escolas. Então o que foi que a Secretaria de Orçamento Participativo fez? Justamente, com a nossa secretaria, a professora Adriana Carneiro, o Prefeito, conseguiu alinhar essa gestão para que essas vagas surgissem, para que toda essa metodologia de ensino remoto, de vagas, de suporte, de ar-condicionado, tudo isso conseguisse chegar, e a comunidade seja escutada, não só as autoridades. O que precisa ser escutada em uma gestão é a comunidade. E o que é que aconteceu? Graças a Deus, essas vagas foram sanadas, estão sendo atendidas. Mais agora é a questão da escola integral. Eu preciso trabalhar, minha mãe trabalha, minha avó trabalha, não tenho mais aquela rede de proteção de deixar meu filho, então preciso deixar ele em uma creche, preciso dele em escola integral. E as escolas integrais municipais estão surgindo, e vem mais novidade aí para o ano que vem, nome de Deus. E o que é que acontece? São necessidades que estão pautadas não apenas aqui no centro, mas nos bairros, em todas as comunidades. Como eu falei, a mulher quando pede no orçamento participativo, ela pede de forma coletiva, mas sabe o que eu achei mais interessante, que eu concordo aqui com um 'bendito entre as mulheres', Samyr, que a mulher não se posiciona como vítima não. A gente fala tanto em vítima de violência, vítima de assédio, vítima de preconceito, mas nós somos protagonistas, nós somos atrizes principais. Não é porque eu estou com problema, e eu procuro a delegacia para resolver, para alinhar minha vida, minha família,



para sobreviver, estou sendo vítima, mas a partir do momento que eu sei meus direitos, que eu estou em uma audiência como essa aqui ou em casa acompanhando, eu aciono a delegacia, eu sou a protagonista da minha história, porque eu sou a dona da minha história, e eu que devo conduzir a minha vida, e automaticamente todos que estão ao meu redor viverem bem. Então eu agradeço a participação de todos aqui, também nas audiências do orçamento participativo, onde nós também tivemos oportunidade de participação do governo do Estado. A Pastora Joana falou a questão do transporte, no orçamento participativo isso também foi tratado direto com Júnior Caroe, que é justamente o representante do governo estadual, todas essas demandas são repassadas. Eu não é só: 'eu vou lhe dar um recado do que o pessoal está pedindo, está reclamando', não, gestão, nós acompanhamos, e, graças a Deus, graças a postura ética e honestidade, muita coisa está sendo alinhada, mas há ainda muitas por se resolverem. Agora mesmo em meu ventre, eu fui concebida com uma nova vida, vem aí talvez outro menininho ou menininha. E o que é que eu peço? Que eu aqui, madeira de lei, assim como todas aqui são, que é essa minha filha ou meu filho, venha em uma sociedade melhor. Então eu não vou sonhar que, do nada, venha um papel Noel e traga todas as bonificações aqui, não. Eu vou sonhar e atuar para que audiências como essas sejam multiplicadas, que a caravana itinerante dos bairros, que a atuação dos conselhos seja respeitada, ativa, e, principalmente, atendida. Então é isso que eu peço, que o preconceito com nós mulheres, o preconceito racial, será que mulheres como eu, que mulheres de origem indígena, como eu, será que elas estão em posição de destaque? Vamos começar a pensar. Vamos começar a pensar se realmente é o currículo da mulher que está valendo, será que a indicação, o histórico, postura moral, que está valendo? Não, quando a gente começar a ver as mulheres de destaque, infelizmente como nós também escutamos muito no orçamento participativo das comunidades aqui, de matriz africana, de toda comunidade negra, nós escutamos essa reclamação, está difícil para a mulher? Muito, mais difícil está para a gente, que é de cor. Então vamos mudar isso, através da conscientização, do respeito e de momentos como esse, de momento de escuta e de atuação. Obrigado a todos." Atendendo convite da Senhora Presidente, fez uso da palavra o **Vereador Josmá Oliveira da Nóbrega**: "Muito boa noite Senhora Presidente. Saúdo todos os convidados, sejam todos muito bem-vindos a vossa Casa. Essa é a casa do povo. Não irei me estender muito, eu fiz algumas marcações, alguns questionamentos pontuados pela senhora também, meus colegas que fizeram uso da palavra. Primeiramente, eu sou muito cético a falar desses temas que foram aqui abordados hoje, porque, infelizmente, na nossa cidade não existem políticas públicas para as mulheres. Eu acho que a propaganda exagerada, o jogo midiático, termina passando uma falsa expressão que as coisas estão muito bem, e isso termina até prejudicando as próprias mulheres, porque nosso município, confesso que não existem políticas públicas. E eu irei pontuar alguns pontos importantes porque, para resolver os problemas, nós primeiro devemos detectar os problemas, reconhecer os problemas. A partir disso, a gente vai ter capacidade de resolver. Eu, na postura e posição de pessoa pública, eu tenho a obrigação de discutir os problemas da minha sociedade, da minha cidade de Patos. Nós temos um grande problema na cidade de Patos no setor da saúde. Esta Casa destinou emendas para a compra de um mamógrafo lá para o Frei Damião. Nós temos um grave problema de vários anos, as mulheres passando por humilhações para realização de mamografias. Pois bem, esta Casa comprou um mamógrafo, foi instalado no Frei Damião, e o problema continua, as mulheres vão lá, fazem o exame, mas não recebem os resultados, ficam passando por humilhações. E a gente precisa discutir isso, cobrar que as coisas funcionem. Isso é falta de políticas



públicas para mulheres. Nós temos um alto índice de mulheres com câncer de mama. Se fazem campanhas, 'outubro rosa', propagandas em redes sociais, cartilhas na Secretaria de Políticas Públicas para Mulheres, que a secretaria não está nem aqui, mas a gente não ver a secretaria cobrando isso, porque é tudo uma questão de política. E isso faz muito mal para as mulheres. Questão de ultrassom, as mulheres também sofrem muito na realização de ultrassom; tem outros tipos de ultrassom que pertencem a particularidade feminina, exames femininos, é uma humilhação, ter que estar se humilhando, procurando um vereador para pedir para agilizar um exame. Eu acredito que não deveria precisar disso, as políticas públicas deveriam funcionar de forma pública, que as mulheres procurassem e estivessem a sua disposição e ao seu acesso. A gente tem que cobrar isso, a gente tem cobrado aqui na Câmara, tem tentado fazer um esforço, mesmo sendo uma minoria. Exames hormonais não tem no laboratório clínico municipal, inclusive já virou inquérito civil no Ministério Público, eu tenho tudo isso documentado, a gente não inventa números. A gente vai no laboratório clínico municipal, chega lá, não faz exames hormonais para as mulheres; e quem mais solicita exames hormonais são as mulheres, e chega lá, não tem. A gente não precisa discutir isso. Repito, para que possamos resolver os problemas, precisamos primeiro identificar os problemas e reconhecer os problemas, os problemas são esses, vamos resolver. Quais são as políticas públicas que estão sendo adotadas na prática, sem influência política, sem partidarismo, o que está sendo feito para isso funcionar? Eu não vejo a Secretaria de Políticas Públicas falando sobre isso em rádios. Eu nunca vi um ofício dela cobrando isso, abordando esse tema. A gente não ver, porque tudo é questão de política na cidade de Patos. Nós temos muitos assédios de servidoras, que quando vão reclamar uma coisa, não são levadas a sério. Servidoras, mães de famílias, as vezes criam seus filhos sozinhas, sem um parceiro, tendo dificuldade financeira, não recebem o seu terço de férias, não recebem suas gratificações. É uma violência patrimonial? É, porque o direito daquela mulher está sendo violado pelo município. Isso tem que ser discutido, a gente precisa questionar esses pontos da administração pública, e, de fato, cobrar soluções. E aqui a gente cobra, cadê a Secretaria de Políticas Públicas para as Mulheres, não está discutindo isso não, não está cobrando o direito das mulheres. Geração de emprego e renda, nós temos um grave problema no nosso município, as empresas não querem se instalar no nosso município. Nós temos muitas mães que precisam trabalhar para criar seus filhos, como também pais. Nós não temos políticas para geração de emprego e renda no nosso município, nós temos políticas que querem gerar uma dependência e que as pessoas fiquem dependentes do estado, fiquem dependentes de políticos. Isso não é bom para sociedade. Algumas empresas, poucas empresas quando conseguem passar pelo trâmite burocrático para se instalar na cidade de Patos precisam de mão de obra. Nós temos muita gente desempregada no nosso município, uma coisa alarmante. A gente não ver políticas públicas para aperfeiçoar essas mãos de obras, a gente não ver. A gente ver algumas propagandas pontuais e cursos disso. Cadê as escolas profissionalizantes no nosso município? Vamos profissionalizar as pessoas, para as pessoas terem opções, capacitar essas pessoas, pra quando as empresas precisarem, a gente ter a mão de obra qualificada. Agora também a gente ter responsabilidade de gestão pública, quando a gente vai capacitar as pessoas, trabalharmos também o mercado de trabalho pensando nisso. É muito triste a gente ver, como foi pontuado por algumas senhoras aqui, uma mãe que tem quatro, cinco filhos, depender de programas sociais do governo. Não dá pra nada, minha gente. Isso é humilhação. Os programas sociais tem que ter? Tem sim, são temporários, mas nós como autoridades temos que resolver de fato o problema. Não adianta só tentar atacar e combater os

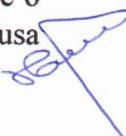


sintomas, temos que combater a causa. Nós temos uma grande problema, a questão da delegacia, como foi pontuado aqui, outro dia eu acompanhei uma senhora, que ligou, que teve um problema aqui no hospital. Cheguei sete e meia da manhã na delegacia, com a senhora, a delegada chegou nove e quarenta e cinco, a senhora estava quase chorando, constrangida, diante do fato que já tinha acontecido. Isso é sério, minha gente. 'Não, Vereador, não quero nem fazer a queixa mais', porque é constrangedor para uma mulher. Aí chega lá, fica colocada no mesmo ambiente do cara que fez aquilo com ela, isso é constrangedor, minha gente. A gente precisa discutir isso. Às vezes, a gente como autoridade pública temos obrigação de discutir esses temas, uma vez que a gente foi provocado. Às vezes têm pessoas que não entendem, paciência! A gente precisa cobrar, precisa discutir isso aqui, isso é sério. Acho que dar sim pra gente tentar melhorar, cobrar das autoridades, Senhora Presidente, a questão da delegacia, como as mulheres pontuaram aqui, e colocar no centro, a gente vai expedir alguns ofícios também cobrando isso, reforçando. Sabemos também do efetivo que tem doutora Sílvia, não tem estrutura. A gente também não pode só ocupar o pessoal, temos que cobrar lá de cima. A gente sabe que, mesmo com esse concurso que teve agora, o efetivo e a questão da infraestrutura é muito pequeno na polícia civil e na polícia militar também. Nós temos outro grave problema, que as mulheres me procuram muito, onde muitas delas têm o primeiro filho e querem fazer sua laqueadura, e é a maior dificuldade no mundo. 'Jasmá, eu falei e o médico, e médico não quer fazer. Fui ter o segundo menino, o médico é uma complicação. A gente cobra também as políticas públicas nessa questão da orientação do planejamento familiar. A gente não tem visto isso, eu não tenho visto isso, a gente ver só propagandas em rádios, em blogs. É assim, sou muito cético, vai um grupo de pessoas da Prefeitura, faz uma propaganda, tirar umas fotos, faz uma matéria, é isso que está acontecendo. Na prática, a gente anda pelas periferias, e estão abandonadas. A gente quer ver o pessoal das secretarias nas periferias, não é em sites, não, em rede social, não, é na prática, a coisa funcionando. Outro ponto, a questão do sumiço do documentos, ninguém vai falar nada aqui em Patos? Aí somem os documentos e fica por isso mesmo? Não é assim. Cadê, de fato, essa preocupação com as políticas públicas para as mulheres? Não adianta de nada a gente ter o 'outubro rosa'. Minha gente, as coisas não funcionam não, vamos dar um choque de realidade aqui. Não adianta só fazer propaganda, eu não acredito nisso, isso não funciona. Não precisa ter outubro rosa, não, só precisa ter a mamografia lá no Frei Damião, pra quando a mulher chegar lá, fazer o exame, Samara, e com dois, três dias receber, no máximo. Tire o outubro rosa, atenda às mulheres. Só precisa de coisa simples, minha gente, ninguém está pedindo aqui coisa do outro mundo, não, coisa complexa, não. São coisas básicas. Outro dia, eu recebi uma denúncia de uma senhora, o prontuário médico dela foi violado, ela fez uns exames. 'Vereador, quando fui buscar na UBS, o menino da recepção já estava comentando o resultado do meu exame'. Exame feminino. Olha só, isso é falta de respeito, minha gente. Ela disse: 'Se senhor quiser vou até na Câmara falar disso'. Eu disse: não, o seu constrangimento já foi demais. Olha só como as coisas funcionam. Cadê a Secretaria de Políticas para as Mulheres? A gente quer que fique lá à disposição das mulheres, pra resolver, pra cobrar, e não só um mero instrumento de propaganda política. Eu sou cético, mas quando a coisa funciona, eu não vou criticar uma coisa que funciona. Porém, se não funcionar a gente tem que cobrar, é nossa obrigação. Nós temos que ser imparciais, quando as coisas estão funcionando a gente elogia, e não reclama, mas quando não estão funcionando, a gente tem que ter a seriedade de pessoa pública e ter a coragem de cobrar, todos nós, porque nós fomos eleitos pra isso. É o mínimo que o povo, que nos escolheu, espera de nós como representantes, é que a

gente cobre, que as pessoas, às vezes, têm medo de cobrar. Aí a gente vai cobrar, mesmo que algumas pessoas não gostem, que seja chato, mas tem de ser cobrado, porque isso precisa ser discutido, alguém tem que estar ali cutucando pra ver se um dia melhora. Como foi pontuado aqui, acho que pela delegada doutora Sílvia, que não estão sendo reportadas essa questão de violência na área da saúde, certo dia eu estava lá na UPA do jatobá, já ia saindo, uma moça ia saindo, e ela disse: 'o senhor está indo pra onde?'. Estou indo pra o centro. Dê-ma uma carona. Eu trouxe ela até o centro, e perguntei acima por cima, porque ela tinha ido pra UPA, ela nem sabia que eu sou vereador. E ela disse: 'eu fui vítima de uma agressão'. Eu disse: 'mais você não teve nem um acompanhamento lá não? 'Não, eu cheguei lá, passei duas horas na fila pra ser atendida'. Isso desestimula a mulher, até buscar um procedimento, está ali se explicando, porque já constrangedor pra ela ir, aí chega lá e espera duas horas por uma ficha, se humilhando, aí ela se sente desmotivada pra não reportar aquilo. Eu acredito que os números são maiores, mas as mulheres são desestimuladas a reportar, porque o sistema de saúde não funciona. Eu também confesso que eu não acredito nesse negócio da medida protetiva, que tem que ter, mas não funciona. Isso não funciona nesse país, as leis não funcionam. A medida protetiva tem que ter, mas não existe efetivo suficiente na polícia. Se o cidadão quer matar, ele vai lá e mata a mulher, e quem perde é a mulher, porque o cara que vai fazer isso, ele sabe que vai passar três ou quatro anos preso, e vai sair, porque nesse país não tem lei. Por isso é que as mulheres sofrem, não tem punição. A punição era pra ser rigorosa, mas não tem. Amigas minhas foram vítimas, perderam suas vidas, e o cara está solto, porque não tem lei. Então, minha gente, a gente precisa discutir isso, levar isso para a questão da base da educação, todos os problemas sociais, que isso não deixa de ser um problema social. Tem que ser discutido na base, com educação séria, para que os cidadãos, quando cresçam, eles tenham noção ampla das suas responsabilidades e dos seus compromissos, porque é assim que nós vamos construir uma sociedade melhor, homens e mulheres juntos. É assim que se construir uma sociedade, baseando-se em educação. Se a gente investir pesado em educação, muito dos problemas que nós estamos aqui discutindo, não irão mais existir, ou serão menores, menores impactos. Portanto, eu gosto muito de cobrar, como vocês sabem, sempre pautados, eu e minha equipe, nas demandas da sociedade. Eu estou no meu escritório, e quando vai chegando nas minhas redes sociais, que chega muito, a gente vai filtrando e vai trabalhando, denunciando ao Ministério Público, cobrando. E aqui me coloco à disposição como pessoa pública, independentemente de partido, aqui não tem isso, e não é momento pra isso, pra sempre discutir a questão das mulheres. A gente precisa sim, Presidente, cobrar mais políticas públicas para a mulher na cidade de Patos. Só propaganda, minha gente, eu não acredito não. Fica aqui a cobrança. Agradeço. Uma boa noite a todas as senhoras." Com a palavra, o **Vereador José Gonçalves** disse: "Nós estamos discutindo aqui, discutindo a questão das mulheres, e um duplo homicídio foi registrado, a pouco, no Sítio Lajes, no Distrito de Santa Gertrudes, um feminicídio, foi assassinado mais uma mulher. Então, por isso que a gente tem que sair da teoria e partir pra prática. Esta Audiência Pública está servindo pra isso, não tem como persistir mais essa situação aqui em Patos, especialmente no tocante ao funcionamento da Delegacia da Mulher. Não tem estrutura, a crise aqui é estrutural. Estrutural, e não podemos permitir mais isso." Atendendo convite da Senhora Presidente, fez uso da palavra o **Vereador Decilânio Cândido da Silva**: "Boa noite a todas, porque todos nós sabemos aqui hoje é uma noite muito especial para todas vocês mulheres, e todos os nossos colegas homens, em nome do nosso amigo Samyr, o admiro demais. Sempre que você sobe a essa tribuna, você dá um show, mas um show com a

verdade, sempre pontuando a verdade. Cumprimento aqui, de forma muito especial, em nome de nossa Mesa Diretora, a nossa amiga secretária Mila, essa grande secretária, que já presencie, por várias vezes, ali na secretaria dela, e ela com muita paciência, atendendo, acima de tudo, aqueles mais humildes e carentes, que são aqueles que precisam. Meus parabéns, secretária! De forma muito especial, cumprimentar a nossa amiga delegada Sílvia. Ando muito, sou um vereador de periferia, e vejo muita gente mencionar o seu nome, em especial em final de semana, que você é uma delegada combatente nesses maus criminosos, que sempre querem fazer o mal àquelas mulheres que estão na sua casa, muitas vezes cuidando dos seus filhos, da sua família. Parabéns, delegada! Cumprimento a moça aí, não sei o nome dela. De forma muito especial cumprimento doutora Joana, cumprimento nossa amiga Carminha, presidente do SINFEMP, e cumprimento, de forma especial, essa pessoa de preto, que não sei o nome, pois esse grande coração que tem, e sempre sobe a esta tribuna em defesa também daqueles mais carentes e mais humildes da cidade de Patos. Cumprimento nossa amiga Samara. De forma muito especial, cumprimento minha esposa Rosa e todos do auditório. Estou sentido falta uma pessoa aqui, a Secretária das Mulheres, mas tenho certeza que nós estamos aqui com nossa amiga Rose, essas duas companheiras, que estão aí ao seu lado, que estão representando ela muito bem, que ela é da luta, diuturnamente, sempre dando de conta das nossas mulheres de Patos. Aqui fico satisfeito com a fala do nosso amigo Samyr, em dizer que foi formada hoje, na nossa cidade Patos, quinze cuidadoras de pessoas idosas. Tem aqui um Requerimento, de minha autoria, esse vereador humilde e simples, que coloquei já aqui nesta Casa, depois do dia primeiro de janeiro de dois mil e vinte um, seiscientos e cinquenta Requerimentos para esta Casa. Sei também, Secretária Mila, que teve vereador aqui que colocou um requerimento, e não vou dizer o nome dele porque é falta de ética. Mas sou aquele vereador que fiz compromisso, em especial naqueles bairros lá do Salgadinho, mais afastados na nossa cidade de Patos, e venho cumprindo o meu compromisso. Aqui tem um Requerimento do Vereador Décio, do doze do nove de dois e vinte três, que você colocou aqui, e aqui está pra provar que aqui não é mentira de vereador que sobe nesta tribuna, pra está falando bonito e, acima de tudo, com muita mentira, querendo iludir aqueles mais carentes e mais humildes da nossa cidade de Patos. O Requerimento para o nosso Prefeito Nabor Wanderley, que pudesse forma cuidadores profissionais para aquelas pessoas idosas, que é aquelas pessoas que eu mais fico ao lado delas, porque admiro bastante, tanto as pessoas idosas as nossas crianças da nossa cidade de Patos, e porque não dizer de todo país. Então, quero aqui, desde já, deixar uma boa noite a todos. Fiquem todos com Deus, sem esquecer de Maria. Muito obrigado a todos.”

A Senhora Presidente disse: “Faremos a entrega dos certificados do primeiro curso de cuidadoras da pessoa idosa em Patos, promovido pelo Conselho Municipal dos Direitos da Pessoa Idosa, e os parceiros, Conselho Municipal dos Direitos da Mulher, SEMUDS), CRAM e demais colaboradores.” Com a palavra, o Mestre de Cerimônia disse: “O primeiro curso de cuidadores de idosos foi ministrado pelo Instituto Saúde da Pessoa Idosa, e a gente vai convidar algumas pessoa pra fazer essa entrega. Convidado inicialmente Padre Paulo e Patrícia Montenegro pra fazerem a primeira entrega. Convidado pra receber o seu certificado Luciene Paulo Ferreira.” A Senhora Josa, presidente do Conselho Municipal da Pessoa Idosa, e o Senhora Samara, presidente do Conselho Municipal da Mulher, para fizeram a entrega do Certificado de Sara Kaline Martins. O Senhor Samyr Xavier, Presidente do CMDCA, e Socorro Rodrigues, Presidente do CMDM, fizeram a entrega do Certificado a Mércia Cristina Lira Alves. A Senhora Adelma, do CDPI, e o Vereador José Gonçalves fizeram a entrega do Certificado de Maria José Gomes de Sousa



Lima. A Vereadora Valtide Paulino e o Vereador Decilânio Cândido fizeram a entrega do certificado de Marlene Felipe. O Vereador Josmá Oliveira e a Secretária Mila Nóbrega fizeram a entrega do certificado de Jozenilda Daniel Martins. As Senhoras Iva Mércia e Vera Lúcia fizeram a entrega do Certificado de Gilmara Figueiredo de Oliveira. A presidente do Conselho Municipal da Pessoa Idosa, Josa, e Padre Paulo fizeram a entrega do Certificado de Francineide da Silva Simão. A Vereadora Valtide Paulino e a Presidente do CMDM, Samara fizeram a entrega do Certificado de Francialda de Freitas Campos e de Edjane Barbosa Xavier. O Senhor Samyr Xavier e Patrícia Montenegro, fizeram a entrega do Certificado de Ednalva Régia do Nascimento. As Senhoras Socorro Rodrigues e Adelma fizeram a entrega do Samara, Presidente do Conselho Municipal da Mulher, e as meninas do CRAN, Bruna e Rose, fizeram a entrega do Certificado de Adriana Amorim Alves. Em seguida, agradecendo a presença de todos, a Senhora Presidente deu por encerrada a presente Audiência Pública, às vinte e uma horas e quarenta minutos.

SALA DAS SESSÕES DA CÂMARA MUNICIPAL DE PATOS/PB (CASA JUVENAL LÚCIO DE SOUSA). EM, 13 DE DEZEMBRO DE 2023.

VALTIDE PAULINO SANTOS  
Presidente

JOSMÁ OLIVEIRA DA NÓBREGA  
1º Secretário "Ad hoc"